

evangelização





CEI SUPLEMENTO N.º 5

OUTUBRO — 1973

Publicação de **Tempo e Presença**
Editora Ltda.

Registrado de acordo com a
Lei de Imprensa

DIRETOR-RESPONSÁVEL:
Domicio Pereira de Mattos

REDATOR:
Carlos A. C. da Cunha

CORFO REDATORIAL:
Rubem A. Alves
Ana Vitória de Toledo Barros
Elter Maciel
Hugo Paiva
Jether Pereira Ramalho

DIAGRAMADOR:
Hamilton Francischetti

IMPRESSÃO:

Princeps Gráfica e Editora Ltda.
Rua Teodoro da Silva, 574

Distribuído aos assinantes
do **CEI**

Assinatura anual: Cr\$ 25,00
Cheque pagável no Rio de Janeiro em nome de:

Tempo e Presença Editora Ltda.
Caixa Postal, 16.082 — ZC-01
20.000 RIO DE JANEIRO, GB

Preço do exemplar avulso:
Cr\$ 3,00

ÍNDICE

EDITORIAL 1

ESTUDOS

Evangelização: O Julgar
do Mundo
— Paulo César Botas 2

Evangelização
— João Dias de Araújo 8

Sobre Evangelização
— Wilson Rangel Guer-
riero 13

Evangelização e Cataque-
se no Contexto Latino-
americano
— José Sotero Caio .. 18

“Curai Enfermos; Expul-
sai Demônios”
— Paul Tillich 23

DOCUMENTO

Uma Visão Geral da Teo-
logia Católica
— John J. Carey 28

INDICAÇÕES 43

Os monstros estão crescendo? Com nomes de coisas, de doutrinas, de pessoas, de técnicas, parecem crescer. Grandes edificações que apagam a natureza, prendem o ar livre, escondem o sol, sepultam a vida, proclamam a verdade, mentindo as suas certezas. "Guerras, rumores de guerras, desolação no lugar santo." Proibido falar de rosas. Eliminar os pássaros, para desocupar gaiolas. Espaço vital reduzido cada vez mais, nessas e noutras. Irmão contra irmão só porque alguns se encontraram, se abraçaram e disseram "como é bom viver em união!". É que os monstros querem crescer (ou não podem?) e fazem um estardalhaço de bombas, armam-se, nietzschianos dragões, com "isto farás", gritam apopléticos seus "slogans".

"Porventura encontrará fé na terra?" Daí **EVANGELIZAÇÃO**, este nosso tema. Para o Padre Sotero, evangelizar é "fazer ver" e "projetar na comunidade atual e escatológica aspirações não satisfeitas". E os monstros ficam assustados. Para o Frei Paulo César é "dar nome às coisas" e "denunciar os implicados nos crimes contra os homens". E os monstros amedrontados. Para o Pastor João Dias evan-

gelizar é "viver debaixo da Soberania de Deus, Senhor de toda a realidade". E os monstros perdem suas gaiolas. O Dr. Paul Tillich (a um grupo de formandos teólogos; uma tradução) cita: "Curai enfermos; expulsai demônios!". Estertores de monstros em agonia... O recado do Pastor Wilson também é mau... para os monstros: "Jesus não se contenta em anunciar a libertação, mas ele mesmo liberta." Gaiolas se quebrando, pássaros em liberdade já então difíceis de serem mortos porque livres. E volta o Sotero: "Não teremos um continente novo, sem novas e renovadas estruturas, e sem homens novos que, à luz do evangelho, saibam ser livres e responsáveis."

O tema é **EVANGELIZAÇÃO** que só é autêntica se for ecumênica. Onde, neste número, um documento longo sobre a teologia católico-romana contemporânea, que vai servir para transformar muita gente "por fora" em pessoas "por dentro", já que a ignorância — terrível força de separação — é assustadora (ou interessada?).

Será que os monstros estão crescendo ou agonizando?

Para dezembro, **O REINO DE DEUS**.



estudos

EVANGELIZAÇÃO: O JULGAR DO

Paulo César Loureiro Botas

MUNDO

Quando, atualmente, nos deparamos com o desafio de responder ao que é evangelização, temos a sensação de que algo de muita responsabilidade e que exige muita coragem deve ser respondido. Quando, há tempos atrás, nos nossos catecismos como nas nossas escolas dominicais “vendíamos” a evangelização “segura” e “coerente”, nós nos sentíamos portadores de “verdades eternas e imutáveis” na sua formulação lógica e metafísica.

Somos portadores de uma formação rígida e segura quanto aos seus conceitos. Falamos de “graça santificante” como se fosse alguma coisa capaz de ser medida e quantificada através da recepção ou não dos sacramentos. Falamos de “atitude cristã ou não” quando qualquer comportamento vem carregado de uma linguagem que soa bem familiar aos nossos ouvidos condicionados à segurança, de cer-

...“quando os homens chegaram junto dele, disseram: João Batista enviou-nos para te perguntar: És tu aquele que está para vir, ou esperamos outro? Então Jesus lhes respondeu: Ide e anunciai a João o que vistes e ouvistes: os cegos vêm, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados e aos pobres anunciai-se-lhes o evangelho”. (Lc 7.20-22).

1. EVANGELIZAR: DAR NOME ÀS COISAS.

3

“A que compararei os homens da presente geração, e a que são semelhantes? São semelhantes a meninos que, sentados na praça, gritam uns para os outros: Nós vos tocamos flauta e não dançastes, entoamos lamentações e não chorastes. Pois veio João Batista, não comendo pão nem bebendo vinho, e dizeis: Tem demônio. Veio o Filho do homem, comendo e bebendo e dizeis: Eis aí um glutão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores. (Lc 7.13-34).

tas palavras que são quase uma senha ao reconhecimento dos cristãos: graça, sacramento, pecado, instrumentos de Deus, harmonia, servir, fraterno, próximo, caridade, etc...

O que desejamos refletir a partir do texto de Lucas é a atitude de Cristo de evitar o culto de sua personalidade respondendo ao profeta com uma referência às coisas que acontecem e que permitem o seu reconhecimento como o portador da Boa-Nova.

Nós ainda hoje estamos preocupados em como “transmitir Jesus Cristo”, como se Cristo dependesse, exclusivamente de nós, cristãos, para realizar a sua salvação; como se Cristo tivesse a preocupação de que nós, cristãos, falássemos todo o dia, toda a hora no seu nome para que ele fosse anunciado.

Uma pergunta cabe neste momento: **como Cristo evangeliza?** E a resposta vem clara no texto de Lucas.

Cristo evangeliza possibilitando uma mudança radical nas situações humanas, ou mais, uma situação nova, vital que implica uma nova ação no mundo e uma nova maneira de ver, de sentir, de ouvir, de viver e de exprimir as coisas.

Quando damos nomes às coisas isto significa que tomamos posição em relação a elas, Significa que nos decidimos por uma ou por outra coisa. Ora, nossa evangelização sempre foi uma evangelização de coexistência pacífica, a evangelização das “coisas que não são deste mundo”, mas também não conseguimos precisar de maneira convincente de qual “mundo” seriam. Basta ver que todos os que tiveram uma formação cristã, são, hoje, na sua grande maioria, pessoas desacreditadas da Igreja que os evangelizou.

Será que esta descrença não vem do simples fato de que eles podem ver que sua evangelização nunca lhes possibilitou uma tomada de decisão vital, que de fato os comprometesse inteiros com suas vidas, com o mundo em que viviam, com a transformação desse mesmo mundo, que os tornasse sinais de contradição? Será que a evangelização que tiveram não os criou pessoas indefinidas, inseguras, baluladoras dos poderosos, inconsistentes, mornas?

Será que nossos anúncios da Boa-Nova possibilitaram um dia

uma tomada de decisão: SIM ou NÃO, e não mais uma atitude de contemplação das "coisas deste mundo" e uma total impotência e covardia?

"Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente. Quem dera fosses frio ou quente. Assim, porque és morno, e nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da minha boca" (Ap 4.15-16).

Quando Cristo dá nome às coisas, ele as julga, anuncia seu julgamento, denuncia os implicados nos crimes contra os homens, se compromete com o que disse e sabe da reação dos outros, seus inimigos.

Penso não haver necessidade de enumerar as vezes em que a palavra "hipócrito" aparece.

Cristo promete a proscricção, a perseguição, a prisão, a tortura, a morte aos que dão nome às coisas. E lamenta os que, por conveniência, se calam e coexistem sem emitir a palavra que julga.

"Ai de vós, quando todos vos louvarem! Porque assim procederam seus pais com os falsos profetas". (Lc 6.26).

Dar nome às coisas é saber que seremos, ao mesmo tempo, o SIM e o NÃO. O SIM para os nossos amigos e os que partilham conosco a mesma convicção e luta e o NÃO para os nossos inimigos que procurarão nos aniquilar em nome de palavras e conceitos que justifiquem a sua violência".

"...mas vem a hora em que todo o que vos matar julgará com isso tributar culto a Deus" (Jo 16.2b).

2. EVANGELIZAR: JULGAR AS COISAS.

"Não há árvore boa que dê mau fruto nem tampouco árvore má que dê bom fruto. Porquanto cada árvore é conhecida pelo seu próprio fruto". (Lc 6.43, 44a).

Quando damos nomes às coisas nós estamos capacitados para julgá-las. E julgar as coisas é saber de que lado estamos. Ora, o Evangelho já decidiu, por nós, de que lado devemos estar: do lado dos oprimidos, dos pobres, dos injustiçados, dos que sofrem perseguição, dos que estão famintos, etc.

Nós só podemos nos dar o direito de escolha quando não existir mais, em nenhum lugar, nenhuma pessoa nesta situação de opressão e de injustiça. Muitas vezes argumentamos:... "Mas todos são filhos de Deus" Mas nem todos têm atitudes de filhos de Deus, e mais, atitudes de homens absorvidos pela Boa-Nova.

"Por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos mando". (Lc 6.46).

É porque o Evangelho já decidiu por nós, que podemos nos sentir livres para julgar as coisas que mantêm as situações de violência, de opressão, de falta de liberdade, de bloqueio total da criatividade humana, de medo e de insegurança.

Julgar as coisas é saber se estamos do lado do oprimido ou do lado do opressor. É possibilitar o nosso próprio desmascaramento. É saber que nossas atitudes escondidas aparecerão, publicamente, para o escárnio e o desprezo dos homens. Julgar as coisas é anunciar o seu julgamento. Quando o profeta jul-

ga as atitudes do povo, ele anuncia o seu julgamento. Julgar é manifestar o que já está julgado, pois os nossos próprios atos nos julgam. O profeta explicita e manifesta o julgamento realizado pelos nossos próprios atos. As coisas já estão julgadas.

Quando os tribunais julgam as pessoas o julgamento é anunciado aos homens. Anunciar o julgamento é saber que, um dia, sua veracidade poderá ser negada. O profeta sabe da verdade do seu julgamento. O que mente e julga na inverdade, impõe o seu juízo pela força.

O que julga na verdade não teme o julgamento da História. O que julga na violência e pelo poder opressor nem sequer consegue ler na História a sua própria condenação, pois está cego e absorvido pela crença do seu poder absoluto.

3. EVANGELIZAR: DENUNCIAR OS IMPLICADOS NOS CRIMES CONTRA OS HOMENS.

“Mas, ai de vós, os ricos, porque tendes a vossa consolação. Ai de vós os que estais agora fartos porque vireis a ter fome. Ai de vós os que agora rides porque haveis de lamentar e chorar”. Lc 6. 24, 25).

Em toda tradição bíblica as situações de injustiça ao serem denunciadas trazem em si a denúncia dos que a mantêm. As situações não são criadas por elas mesmas. Existem homens por detrás delas. Existem interesses por detrás delas. Ora, para que possamos saber aonde devemos anunciar a Boa-Nova, e, apesar do que e de quem anunciá-la, devemos saber quem está mantendo a situação de morte e de opressão. Os crimes têm criminosos. Os criminosos têm razões fortes para manterem as situações de crime, as situações de exceção onde os crimes podem ser efetivados sob a aparência de atitudes legais e defensoras do “Bem Comum”. Quando interesses estão em jogo, tudo o que for conveniente para manter no mando os poderosos é legítimo e bom. E o que é bom para poucos é somente bom para eles mesmos.

Evangelizar denunciando os crimes e os criminosos implica numa lucidez de que nem tudo o que é progresso, evolução técnica e científica é para o bem de todos. Tudo isto pode servir para sofisticar e manter cada vez mais sólidas as situações de violência onde estão os que têm fome, os que não têm acesso à educação, os que não têm salá-

“Então os principais sacerdotes e os anciãos do povo se reuniram no palácio do sumo sacerdote, chamado Caifás. E deliberaram prender Jesus, à traição, e matá-lo. Mas diziam: não durante a festa, para que não haja tumulto entre o povo”. (Mt 26.3).

“Que estamos fazendo, uma vez que este homem opera muitos sinais? Se o deixarmos assim, todos crerão nele, depois virão os romanos e tomarão não só o nosso lugar, mas a própria nação(...) nem considerais que vos convém que morra um só homem pelo povo, e que não venha a perecer toda a nação?” (Jo 11.48-50).

E desta maneira forjam-se provas e, sem defesa, as pessoas são julgadas. É que elas podem fazer o povo acreditar na verdade que elas encarnam.

rio justo, os que são explorados e vilipendiados na sua condição humana.

E os crimes podem ser legitimados pela propaganda. A propaganda tem o dever de nos tornar cúmplices para que as pessoas consumam bem e consumindo bem se abarrotam de "pão e circo". A melhor propaganda é a que conseguiu maior número de cúmplices, inclusive entre os que estão oprimidos.

Denunciar crimes e criminosos é denunciar a utilização de tudo o que é "científico", mas que é feito para explorar, dominar e oprimir o povo.

"Vós sois os que vos justificais a vós mesmos diante dos homens, mas Deus conhece os vossos corações; pois aquilo que é elevado entre os homens, é abominação diante de Deus". (Lc 16.25).

4. EVANGELIZAR: COMPROMETER-SE COM O QUE SE DISSE.

É a crença na verdade que anunciamos que pode legitimar a atitude de se comprometer. Metz, ao escrever sua teologia, diz que a Igreja deve estar polarizada em três linhas na sua atitude crítica:

1. Falar a verdade.
2. Morrer por ela.
3. Na esperança da Ressurreição.

Evangelizar é isto. Comprometer-se até as últimas conseqüências com a verdade que anunciamos, com a verdade que nos levou a denunciar o que violenta o homem, sede do Reino de Deus.

"O Reino de Deus está dentro de vós". (Lc 17.21).

Há necessidade de uma profunda mística para que se mantenha a nossa atitude ascética de lucidez e clareza para no tempo oportuno comprometermos-nos, em nome da verdade que nos liberta, com tudo o que denunciamos. E comprometer-se é saber que o inimigo trama na calada da noite e que a hora dos inimigos é a hora do poder das trevas.

"Diariamente estando eu convosco no templo não pusestes as mãos sobre mim. Esta, porém é a vossa hora e o poder das trevas". (Lc 22.53).

Mas, porque a Ressurreição é dissipação das Trevas pela Luz, é que podemos ter a liberdade de perdoar aos nossos inimigos. Esta é a atitude de amor aos inimigos: a atitude do perdão. Saber que eles são frutos de um sistema demoníaco que os gerou como nossos algozes.

Evangelizar é saber da reação dos inimigos, é contar que ela virá seguramente, é saber que lutamos contra as forças do Mal, contra tudo o que é morte, o que é anti-vida e que se manifesta, encarnando, nas opressões, nas injustiças, nas violências, nas fomes, nas guerras, nas técnicas, nos regimes totalitários, nas ciências a serviço do poder e da opressão.

"Antes porém de todas estas coisas, lançarão mão de vós e vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas e aos cárceres, levando-vos à presença de reis e governadores, por causa do meu nome, e isto acontecerá para que deis testemunho". (Lc 21.12, 13).

5. EVANGELIZAR: ACRE- DITAR QUE A VIDA VENCE A MORTE.

Tudo que foi dito, anteriormente, tem como pressuposto o enunciado acima. Porque acreditamos que a vida vence a morte, que a vida anunciada pela Boa-Nova é capaz de aniquilar todos os sinais de morte do nosso mundo e da nossa História é que nos sentimos chamados a viver nossa convicção numa linguagem comum a todos os que tentam resistir aos sinais de morte que se manifestam em todas as dimensões da vida humana. A nossa linguagem é comum porque o que nos leva a enfrentar o poder da morte é partilhado, universalmente, pelos que se sentem comprometidos com o homem, na luta para aniquilar tudo o que o oprime e o esmaga. Pére Chenu pregava: "Quando dois homens se reconhecem irmãos, não importa quem sejam, onde estejam, neste exato momento a Boa-Nova é anunciada".

Que a nossa fraternidade seja o elemento capaz de manter nossos olhos abertos, nossos ouvidos atentos, nossos braços prontos, nosso coração disponível, nossa língua livre, nossa inteligência lúcida para sabermos o momento exato de anunciar, de denunciar, de agir, de calar, de esperar e de proclamar que a VIDA vence a MORTE, que a plenitude dos tempos começa a ser criada na carência e nas sombras do nosso próprio tempo. E não esqueçamos o desafio que a Boa-Nova nos lança:

'Quando vier o Filho do Homem, achará porventura fé na terra?' (Lc 18.8).

LEIA

LIBERDADE

**E
FÉ**

Tempo e Presença Editora



EVANGELIZAÇÃO

João Dias de Araújo

A tarefa principal da Igreja, a evangelização, tem que passar sempre pelo crivo do reexame e da reformulação, à luz do exemplo de Jesus Cristo nos Evangelhos, e da prática da igreja apostólica.

O que é importante salientar de início, é que Jesus ligou várias vezes a palavra **Evangelho** à palavra **Reino**. Ele anunciava o "Evangelho do Reino" (Mt 4. 23; 9. 35; 24. 14; etc.). Não podemos separar as "Boas Novas" que Jesus anunciava de outra realidade que ele também proclamava — o Reino de Deus.

O Reino de Deus era o tema principal da pregação de Jesus Cristo, que envolvia todo o seu ministério por palavras e obras. Que quer dizer Reino de Deus? Destacaremos três aspectos do conceito Reino de Deus, relacionando-o com a obra da evangelização.

I. Reino de Deus é soberania de Deus. Gustaf Dalman diz que a expressão "Reino de Deus" é equivalente à "Soberania de Deus." No seu famoso livro **AS PALAVRAS DE JESUS**, Dalman nunca traduz a expressão grega "basileia tou Theou" como Reino de Deus, mas como Soberania de Deus. Ele quer dar ênfase a esse aspecto importante do ensino de Jesus.

C. H. Dodge, em seu livro **PARÁBOLAS DO REINO** assim firma: "A expressão Reino de Deus liga o fato de que Deus reina como Rei. No sentido, ainda que não em forma gramatical, a concepção substantiva na expressão Reino de Deus é a idéia de Deus; e o termo Reino indica o aspecto específico, atributo ou atividade de Deus em que ele é revelado como Rei, ou como soberano do seu povo, ou do universo que ele criou."

O ponto central do ensino de Jesus é a convicção forte de que Deus governa. Todos devem ser submetidos a esse governo que está presente na terra e que será consumado. O Reino de Deus é a Soberania de Deus na terra que se expressa através do cumprimento de sua vontade. Jesus ensinou essa verdade na Oração Dominical, quando disse: "Venha o teu Reino, seja feita a tua vontade assim na terra como nos céus." São duas frases. A primeira explica a segunda. A vinda do Reino de Deus à terra significa que a vontade de Deus deve ser praticada na terra como é cumprida no céu.

O mundo, no seu sentido ético, é a esfera onde a soberania de Deus não é aceita nem reconhecida. A tarefa da evangelização da Igreja começa pois com o anúncio das "Boas Novas" de que o Reino de Deus é chegado. A tarefa da Igreja é convidar todos os homens a viver debaixo da Soberania de Deus, porque Ele é o Senhor de toda a realidade.

II. O Reino de Deus visa o Homem — A Soberania de Deus é uma ordem na qual o homem é colocado. O plano de Deus ao mandar o Reino visava o ser humano. (Jo 2.16; Lc 19.10 e outras passagens mostram que o objeto do amor de Deus é o homem perdido que Cristo veio buscar). Essa Boa-Nova era para o homem em todas as suas dimensões: "Percorria Jesus toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho do Reino e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo." (Mt 4.23). O tema principal da pregação de Jesus foi o Reino de Deus.

A obra da evangelização estava dentro do plano geral do estabelecimento do Reino de Deus na terra. A Igreja tem que encarar a evangelização neste sentido. Os Evangelhos afirmam que quando Jesus evangelizava, estava pregando e estabelecendo o Evangelho do Reino. Devemos reformular hoje o conceito bíblico de Evangelização. Vamos considerar alguns aspectos: a) **Evangelizar é proclamar o Reino de Deus.** A primeira tarefa é esta: "à medida que seguirdes, pregai que está próximo o Reino dos Céus." (Mt 10.7). Foi essa a ordem de Jesus aos doze discípulos. A sua ordem para os setenta foi: "Anunciai-lhes: A vós outros está próximo o Reino de Deus." (Lc 10.9). Recomendou também Jesus a indivíduos em particular: "Tu, porém, vai e prega o Reino de Deus." (Lc 9.60). Ele mesmo deu exem-

plo quando iniciou as suas pregações dizendo: "O tempo está cumprido, o Reino de Deus está próximo, arrependei-vos e crede no Evangelho." (Mc 1.15).

A expressão Reino de Deus é sujeito de uma notícia em conexão com os verbos: evangelizar, anunciar, pregar. A Soberania de Deus é o conteúdo de uma mensagem de Boas Notícias. A missão principal da Igreja é proclamar ao mundo a Soberania e o Governo de Deus sobre toda a realidade. b) **Evangelizar é promover o homem.** Não é possível separar a proclamação do Evangelho da obra da promoção do ser humano. Todas as vezes que aparece nos Evangelhos a proclamação do Reino ela está relacionada com a situação humana. Notemos alguns textos: "Pregando o Evangelho do Reino e curando toda a sorte de doenças e enfermidades entre o povo (Mt 4.23). Era assim que Jesus evangelizava: "pregando e curando." Não apenas "pregando", não apenas "curando", mas "pregando" e "curando". Foi assim que ele mandou que os doze discípulos fizessem: "Pregai que está próximo o Reino dos Céus. Curai enfermos, ressuscitai mortos, purificai os leprosos, expeli demônios..." (Mt 10.7,8). Notemos a seqüência dos verbos: **pregai, curai, ressuscitai, purificai, expeli.** Aos setenta discípulos Jesus recomenda: "Curai os enfermos que nela houver e anunciai-lhes: A vós outros está próximo o Reino de Deus." (Lc 10.9). "Curai e anunciai." Jesus fazia assim a verdadeira e completa promoção do homem, humanizando-o. Jesus não humanizava primeiro para depois evangelizar, nem evangelizava primeiro para depois humanizar, mas evangelizava humanizando e humanizava evangelizando.

O que os cristãos têm feito é separar o que não se deve se-

parar, por isso a evangelização tem caído em quatro extremos errados. O **primeiro** é aquele que considera a evangelização apenas como proclamação verbal, como pregação separada da promoção total do homem. Seguindo esse extremo a tarefa da Igreja seria, por exemplo, entrar nos mocambos e dizer: "Jesus é o Salvador." A tarefa terminaria na simples proclamação. A outra parte competiria ao Governo ou às instituições de caridade. Essa é uma atitude herética porque não considera o evangelho como uma mensagem que se aplica a todas as situações individuais e sociais. A evangelização que não considera o corpo humano e a realidade social, mutila o conceito do Evangelho de Cristo.

O **segundo** extremo em que tem caído a obra da evangelização está na atitude de pensar que a Igreja deve humanizar sem proclamar. Nesse extremo caiu o movimento denominado "Evangelho Social." Essa posição é também herética quando estabelece que a única missão da Igreja é melhorar a situação social e cuidar do corpo do homem, desprezando a denúncia profética contra o pecado e o anúncio da libertação pelo sangue de Cristo.

O **terceiro** extremo se localiza entre as duas primeiras posições, e pode ser sintetizado nas seguintes palavras: "Vamos pregar a tempo e fora de tempo e depois, se der tempo, vamos cuidar dos problemas sociais, e da promoção do homem." Essa procrastinação tem levado a Igreja a uma atitude de retaguarda e não de vanguarda na solução de muitos problemas humanos.

O **quarto** extremo também deve ser evitado. Ele se resume nas seguintes palavras: "Vamos humanizar primeiro e, quando a sociedade estiver evoluída e

ideal, então poderemos pregar o Evangelho."

Todos esses extremos têm viado a tarefa evangelizadora da Igreja, porque desprezam o exemplo de Cristo e da igreja apostólica. A obra de Cristo foi levantar o homem, restaurá-lo em todos os sentidos e em todas as suas implicações existenciais. Isto significa colocar o homem debaixo da Soberania de Deus, para fazer a vontade do Pai Celeste. Por isso a Igreja precisa reformular e corrigir sempre seus métodos de evangelização, para que a sua obra se enquadre dentro do ensino e da prática de Jesus.

III. O Reino de Deus é escatológico — No ensino de Jesus sobre o Reino vemos claramente dois fatos: o Reino já está no mundo, e o Reino ainda será consumado. Entre o presente e a consumação há um processo. Jesus inaugurou a primeira etapa com a sua vinda ao mundo, trazendo o Reino. O mesmo Jesus vai inaugurar a segunda etapa, quando vier na sua glória para a consumação total do Reino: "O Reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos." (Ap 11.15). "E, então, virá o fim, quando ele (Cristo) entregar o Reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo o principado, bem como toda a potestade e poder." (1 Co 15.24). O próprio Jesus afirmou: "e será pregado este Evangelho do Reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim... Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória, e, todas as nações serão reunidas em sua presença." (Mt 24.14; 25.31, 32).

Este é o elemento escatológico do Reino de Deus, o Messianismo que antevê o Reino de

**O testemunho do Evangelho de Cristo
é para construir vidas e conduzir
existências. Não é afirmação
de nossa cultura e
civilização. Volta-se para
a nova comunidade
de Cristo que vive
sob a Soberania de
Deus.**

Deus consumado no Universo, quando toda a realidade estará sob a soberania de Deus. Jesus não é só o princípio, é também o fim. Não é só o Alfa, mas é o Ômega, "o que era, o que é, e o que será."

Como observa Otto Piper, devemos evitar dois erros quando falamos sobre o **fim**. O primeiro é pensarmos que Deus vai interromper abruptamente o curso do tempo, e, de modo súbito e arbitrário, estabelecer o Juízo Final sem ligação com o processo que o próprio Deus desenvolve dentro da História. Não podemos entender o fim, sem ligá-lo com aquilo que Deus vem fazendo através do estabelecimento do seu Reino. O segundo erro é pensarmos que o fim é a terminação de tudo, a extinção total. O fim, só é o término do pecado e da rebelião. Por outro lado, é a continuação do propósito de Deus a desenvolver-se nos "novos céus e nova terra", após a palingenésia universal. Não é o término, mas a transformação.

Relacionando a obra da evangelização com o ensino sobre o Reino de Deus, chegaremos às seguintes conclusões: 1) A evangelização não é dirigida apenas para a alma do homem, como separada do corpo, mas é para o homem total. 2) A evangelização não deve visar apenas o indivíduo em particular, mas também a sociedade como um todo, e toda a humanidade. 3) Não é uma tarefa que deve ser feita sem a visão escatológica do plano de Deus para a humanidade e para o universo. 4) A evangelização tem como praxis o testemunho.

O conceito de **testemunho** não pode ser separado do conceito de **evangelização**. Que é ser testemunha? Na Bíblia, **testemunha** é uma pessoa que tem conhecimento de primeira mão de um fato ou acontecimento. No Novo Testamento, a palavra **testemunha** é aplicada a: 1) Aquele que atesta as verdades de Deus, por exemplo, Jesus Cristo. (Jo 3.11,32; 8.18; Ap 1.15). 2) Aquele que testifica o que tem visto, ouvido e experimentado a respeito de Cristo. (Lc 24.48; At 1.8; 10.41; 22.20). 3) Aquele que foi fiel até o fim experimentando morte violenta (mártires). (Ap 2.13; 17.6).

No capítulo primeiro do livro dos Atos temos uma ilustração do verdadeiro sentido da palavra **testemunha**. No versículo oito Jesus diz aos discípulos: "Mas recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas..."

Evangelizar é viver debaixo da Soberania de Deus (Reino de Deus) que é Senhor de toda a realidade.

Como poderemos ser testemunhas de Cristo? A resposta está no fim do mesmo capítulo quando conta a escolha do substituto de Judas: "É necessário, pois, que, dos homens que nos acompanharam todo o tempo em que o Senhor Jesus andou entre nós, começando do batismo de João, até o dia em que dentre nós foi levado às alturas, um destes se torne **testemunha** conosco da sua ressurreição." Nessas palavras de Pedro está apresentado o requisito mais importante para ser testemunha, qual seja, ter experiência com Jesus Cristo. Não apenas ter visto o Salvador e ouvido as suas palavras, mas experimentado o poder de sua ressurreição. Para quê? Para testemunhar ao mundo os grandes atos de Deus em Cristo. Ser testemunha é, pois, comunicar, transmitir e proclamar ao mundo o que Deus fez em Cristo pelos homens, isto é, que "Deus amou ao mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna."

O testemunho cristão, por-

tanto, deve estar relacionado com a evangelização, e deve ter quatro características essenciais: 1) **Deve ser positivo**. Estamos dando testemunho da obra grandiosa do Reino de Deus. Essa é uma mensagem positiva para o mundo. Não devemos cair num testemunho negativo, que conduz ao moralismo negativista e farisaico. O testemunho do Evangelho de Cristo é para construir vidas e conduzir existências, "porque o Filho do Homem veio para buscar e salvar o perdido." 2) **Deve ser cristocêntrico**. Cristo disse: Sereis **minhas** testemunhas." Somos testemunhas dele, e não de nossa cultura, ou de nossa civilização, ou de nossa classe social, ou de nossa ideologia política, ou de nossa seita. O testemunho cristão é cristocêntrico porque é fruto da comunhão com o Espírito de Cristo, e, porque aponta para a pessoa de Cristo. 3) **Deve ser total**. O Testemunho do cristão é uma expressão de sua experiência com Cristo, e não apenas um relato verbal das doutrinas cristãs. Testemunhar é viver a presença do Reino de Deus no mundo. Não podemos limitar o nosso testemunho a alguns setores restritos de nova vida. 4) **Deve ser comunitário**. Damos testemunho de que pertencemos à nova comunidade que Cristo estabeleceu na terra e que deve ser estendida até os confins da terra. Nenhum cristão pode dar um testemunho individual sem relação com essa nova comunidade de Cristo. Todo o nosso viver aponta positiva ou negativamente para a comunidade que sente mais de perto a atuação de Deus no mundo, porque ela é a vanguarda do Reino de Deus. Como podemos evangelizar, se o nosso testemunho comunitário não corresponde ao anúncio das Boas Novas que nós temos que proclamar, comunicar e transmitir ao mundo?

SOBRE A EVANGELIZAÇÃO

Wilson Rangel Guerreiro

Sabemos que a evangelização é tarefa fundamental da vida da Igreja. Muito se tem ouvido falar sobre o assunto e principalmente nos meios protestantes a evangelização é vista como entregar folhetos de propaganda, realizar cultos ao ar livre ou realizar "séries de pregações evangelísticas." Parece que a missão evangelística das igrejas se centraliza em tais métodos. Além disso ela é vista como obra a ser realizada por algumas pessoas mais dedicadas e que tenham dons para evangelizar.

Não cremos que a evangelização seja isso ou se limite a alguns dentro da comunidade. Essa mentalidade, surgida no passado, permanece até os nossos dias. Porém devemos voltar ao passado, à própria Palavra de Deus mesmo, a fim de olharmos a obra de Deus. Ao lado desse exame bíblico devemos conhecer e tentar entender a época em que nós vivemos, sua problemática e situação geral, a fim de descobrirmos as possibilidades da evangelização.

Para começarmos, uma pergunta deve ser feita:

— O que é o Evangelho e o que é Evangelização?

No Velho Testamento a palavra "evangelho" significa prêmio ou presente que se faz ao que traz uma boa notícia e também a boa notícia em si mesma (2 Sm 4.10; 18.22-25) mas que não tem significação religiosa alguma. Já "evangelizar" significa, ainda para o Velho Testamento,

a pregação ou anúncio da salvação messiânica (Is 40.4; 52.7; 61.1).

No Novo Testamento encontramos a palavra "evangelizar" relacionada com os textos de Isaías (61.1 em ligação com Mt 11.5 — "O evangelho é anunciado aos pobres"). Além do texto de Mateus, vemos também (Lc 4.18, 43 e Mc 13.10; 14.9) que Jesus tem consciência de estar realizando, por sua pregação, as profecias e anunciando a chegada do Reino de Deus. Ele traz a boa nova definitiva, de muito esperada, mas ele mesmo é a realização e o cumprimento das promessas feitas.

O "hoje" do Reino entra na vida dos homens a fim de que se voltem para aquele que é o filho de Deus, o enviado por excelência. Cumpre-se a Escritura (Lc 4. 21). A afirmação do profeta: "O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e abrigar o ano aceitável do Senhor" (Lc 4.18s), torna-se presente. É o "hoje" de Deus, pleno de graça e de

juízo que é proclamado — de início aos homens do seu tempo — e que também dirige toda a atitude de Jesus dando autoridade às suas palavras e significado aos seus atos.

Nele existe a correspondência entre sua palavra e os atos que pratica. Jesus não se contenta em anunciar a libertação, mas ele mesmo liberta: “Que vem a ser isto? uma nova doutrina! com autoridade ele ordena aos espíritos imundos, e eles lhe obedecem!” (Mc 1.27).

Esta é a realidade fundamental que deve estar na base, quando se fala em evangelização. Deus agiu no passado quando em Jesus Cristo cumpriu as promessas feitas e hoje ele continua a despertar nos homens essa boa nova de salvação. Ele não cessa de proclamar a sua mensagem aos homens de todas as épocas e em todas as situações porque o seu amor salvador é constante.

Quando os homens descobrem a sua salvação em Cristo, descobrem também que são membros de uma comunidade cuja vocação é anunciar o Seu Evangelho. Sua mensagem é: os atos de Deus são para a salvação dos homens e a proclamação consiste em reivindicar o mundo para Jesus Cristo (Jo 3.16; 2 Co 4.5). Testemunham, por uma vida vivida pelo poder do Espírito Santo, a esperança certa de que o Reino de Deus virá no seu cumprimento e na sua plenitude.

Hoje, mais do que nunca, é necessário obediência à nossa vocação como evangelistas, como enviados daquele que continua sempre, a trazer a boa nova aos homens. Se existe crise na evangelização é porque compartimentamos a ação de Deus, a sua missão. Tudo que é feito pela comunidade dos que crêem deve ter por finalidade trazer os homens diante daquele que tem a salvação. A evangelização

deve ser o esforço para fazer com que os homens entrem em contato com Deus. Somos os intermediários que já conhecemos a boa nova e assim queremos transmiti-la aos demais que nos cercam, próximos ou distantes. Anunciamos a salvação já realizada em Jesus Cristo que é oferecida a todos para que também vivam esta salvação.

Outro aspecto bíblico da “evangelização” é participar do ministério da reconciliação de que o apóstolo Paulo nos fala (2 Co 5.18-20). Deus é o sujeito, o autor da reconciliação e só ele tem a plena iniciativa dessa reconciliação. Ele é quem decidiu, realizou e continua realizando esta obra até o seu término. Esta reconciliação é dirigida a nós e ao mundo, àqueles que estão sem esperança e sem Deus, isto é, à humanidade, a toda a criação sujeita ao pecado. Para isso Deus escolheu embaixadores para exercerem o ministério da reconciliação em Cristo colocando em nossos lábios a palavra de reconciliação. Paulo replica em nome de Cristo: “Rogamos que vos reconcilieis com Deus.”

Sé Deus nos confiou tal ministério é porque existe separação pelo pecado. E o pecado está presente no próprio homem e em tudo aquilo que se relaciona com ele. Pecado em sua vida pessoal — por mais virtudes que tenha — naquilo que faz e realiza: nas leis que cria, nas instituições que surgem através dos tempos, no seu relacionamento com os outros e com o mundo ambiente, enfim, com tudo que se relaciona ao mundo criado.

A evangelização pode ser definida como “o confronto decisivo dos homens com o Evangelho de Jesus Cristo a fim de que eles possam crer nele e, crendo, possam encontrar a salvação no Seu Serviço”.

A evangelização como ação

**Jesus não se
contenta
em anunciar
a libertação, mas
ele mesmo
liberta.**

rios no século passado; podemos dizer na América Latina de um modo geral.

O que foi e o que tem sido a Evangelização.

Deve ser lembrado com gratidão o desprendimento daqueles que deixaram suas terras para, em lugares desconhecidos, anunciar o Evangelho do modo como compreendiam e aceitavam. Foi um trabalho importante que criou idéias em torno do assunto, as quais podemos perceber nos métodos e conteúdo dos movimentos evangelísticos das igrejas nos dias de hoje. O trabalho missionário criou raízes tão profundas que se manifestam na concepção evangelístico-missionária das igrejas protestantes principalmente. Quem não se lembra de histórias acontecidas com missionários e que permanecem no anedotário das missões? Sempre nos lembramos do que aconteceu com determinado pregador quando realizava uma série de pregações evangelísticas, foi importunado por um estranho que incomodava e por fim se converteu. Fatos assim são lembrados com fervor e gratidão.

global se realiza através da Palavra falada, que é o testemunho indispensável daqueles que já vivem a salvação trazida em Jesus Cristo como da Igreja. Ela se realiza também através da ação cristã e dos atos de serviço motivados pelo amor de Deus em nós, isto é, pelo testemunho da comunidade. E quando falamos em comunidade devemos ter em mente que ela se realiza através do culto comunitário e de todos os seus componentes.

Se falamos de Cristo estamos evangelizando, se servimos ou adoramos a Deus no santuário, devemos estar conscientes que somos embaixadores daquele que nos enviou. Por outro lado o serviço também é um ato de culto. Evangelização, serviço e culto sempre estão juntos quando fazemos uma coisa ou outra.

Para falarmos das perspectivas de evangelização, precisamos olhar para um passado recente a fim de examinarmos que formas ela tem tomado, isto é, sua teologia e métodos. Essa visão deve ser tomada principalmente nas terras de missão para onde vieram os missionários

Uma das ênfases do trabalho missionário foi a da salvação pessoal (podemos dizer individual) e a busca da "experiência com Cristo". Isso trouxe um relacionamento do crente com Cristo que provocou um desequilíbrio na obra total de Deus no mundo. A procura de uma experiência pessoal fez com que as pessoas considerassem como secundários os demais aspectos da vida cristã. Tudo o mais dependia dessa relação que estava em primeiro lugar e o trabalho de cada um era levar os demais a buscar a Jesus como seu salvador pessoal. A responsabilidade evangelística do cristão para com a comunidade era (e é ainda hoje para muitos) vista so-

mente no nível pessoal, sendo o comportamento social e político uma simples consequência da ligação pessoal com Cristo. A Igreja deveria se manter acima de toda atividade política o que levou em geral seus membros a serem irresponsáveis nesse setor. Ficou de fora um imenso campo de trabalho que não era incluído como possibilidade missionária.

Outra consequência deve ser lembrada: a separação Igreja-mundo. Produto de interpretação bíblica de uma época; o fato é que esta raiz permanece ainda até os dias de hoje em nossas comunidades. Para fazer parte da "igreja", os convertidos deviam deixar as coisas do mundo, suas preocupações, seus atrativos e buscar a sua salvação dentro dessa "igreja". Os vícios deveriam ser abandonados para a busca de coisas mais elevadas e "santas".

O que fazer e qual o comportamento de um crente da época? Participar dos trabalhos religiosos, contribuir financeiramente, "ganhar almas para Cristo", ajudar ao próximo nas necessidades imediatas (até hoje ainda vemos as campanhas do quilo! Embora isso em muitas circunstâncias seja necessário) e outras atividades interpretadas no âmbito individual sem levar a consequências mais sérias.

Tal trabalho realizado durante muitos anos, criou o que podemos chamar a "mitologia da evangelização" e dos métodos evangelísticos. Isso cria barreiras e entrava tentativas maiores, quando falamos de evangelização. É necessário voltarmos às ênfases bíblicas que falam da obra evangelístico-missionária do próprio Deus.

Perspectivas da Evangelização.

Se vimos as bases bíblicas da evangelização e como se ma-

nifestou a nós em um passado recente, temos que ver as possibilidades presentes-futuras procurando encontrar algumas linhas que orientem e questionem o que estamos fazendo no campo da evangelização.

Precisamos pensar mais em evangelização como alguma coisa que é essencial à vida da Igreja. Para tanto queremos deixar dois pontos para meditação e discussão do assunto que estamos tratando. São preocupações que devem ser aprofundadas a fim de tirarmos as consequências práticas para o trabalho de todos nós. As formas poderão variar segundo a situação em que nos encontremos, pois da discussão devem sair os métodos.

Se em parte alguma coisa já foi dito acima, os dois pontos são os seguintes:

1 — A evangelização faz parte da tarefa global da Igreja. Assim com a vida na comunidade cristã existe com todos, não podemos pensar em evangelização como trabalho exclusivo do pastor ou de alguns membros da igreja "mais fervorosos" ou de uma comissão local isolada. Embora na evangelização tenhamos que falar de Cristo como Senhor, Salvador e do Reino de Deus, é preciso que a encaremos como tarefa de todos. Se dizemos todos é porque queremos englobar as várias atividades da comunidade dos que crêem: adoração, serviço e proclamação. Quando damos cumprimento a um desses aspectos estamos realizando os outros dois. A ligação entre eles é permanente.

2 — A evangelização, tendo presente o ponto acima, é tarefa ecumênica. "Nunca agir sozinho!"

Pela nossa própria experiência vemos que o mundo torna-se cada vez menor. Os meios de comunicação nos colocam em relação imediata com outros povos e regiões, trazendo-nos suas

Existe separação pelo pecado
 presente no homem,
 naquilo que faz,
 nas leis,
 nas instituições.

situações. Podemos constatar que os problemas a serem resolvidos são os mesmos mudando somente os personagens ou alguns dados. Por outro lado esses problemas estão intimamente relacionados, fazendo com que, para a solução de um, tenhamos que resolver outros. Os povos e nações vivem problemas idênticos e os homens têm necessidades comuns.

A evangelização tanto é trabalho de toda a comunidade cristã assim como de todos os que compõem a grande comunidade dos salvos em Cristo. Dadas as dimensões reduzidas do mundo, bem como a complexidade dos problemas vividos pelas nações e pela humanidade, a evangelização deve ser compreendida como tarefa ecumênica. É preciso deixar de pensar em aumentar o rol da nossa igreja isoladamente, para olharmos um pouco mais adiante. Devemos ser "ambiciosos" em nossas preocupações evangelísticas como Deus o é. Sendo assim a evangelização é tarefa da Igreja

para que o mundo possa encarar com seriedade as boas novas do Reino de Deus.

Para que essa tarefa seja realizada por nós, Deus concedeu dons aos homens, os dons do Espírito Santo dentro da Igreja: "escolheu alguns como apóstolos — os mensageiros e estrategistas do Evangelho numa época moderna; outros como pastores — para sanar os males espirituais e psíquicos; outros como evangelistas — os intérpretes do Evangelho para o homem secular ou para o homem de crença diversa; alguns como mestres — preparados para ver as perplexidades contemporâneas sob a luz da Bíblia".

Nem sempre encontramos os dons do Espírito limitados a uma congregação ou igreja, pelo contrário, eles estão espalhados na grande comunidade dos santos

Obras que podem ser consultadas:

Sal da Terra — reflexão teológica sobre Evangelização (Conselho Mundial de Igrejas).

Upsala 68 — documentos selecionados da IV Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas — Publicadora Ecclesia — Porto Alegre.

Colin W. Williams — *Igreja: Onde Estás?* — Publicação da Junta Geral de Ação Social da Igreja Metodista — SP, 1968.

D. T. Niles — *Sur la Terre...* (A missão de Deus e de sua Igreja) — Labor et Fides — Genève, 1965.

EVANGELIZAÇÃO E CATEQUESE NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO

José Sotero Caio

Os diversos documentos da **II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano** (Medellin, agosto de 1968) têm todos uma tônica comum, a saber: a consciência explícita da **transformação atual do continente latino-americano** (cf. Introdução: **Presença da Igreja na atual transformação da América Latina**).

É dentro desta nota predominante, em consequência, que se situam os documentos sobre os problemas de evangelização e de catequese, como também as diretrizes pastorais básicas sugeridas para solucioná-los. Daí por que, no espírito de todos os documentos de Medellín, jamais se poderiam separar os **temas específicos** (família e demografia, educação ou juventude, catequese ou liturgia, sacerdotes, religiosos ou problemas pastorais globais) desta consciência concreta das mudanças pelas quais está passando o nosso continente. Podemos, portanto, dizer que o princípio pastoral primeiro e básico que emana do conjunto de todos os documentos da Conferência de Medellín é o seguinte: **é necessário assu-**

mir uma consciência histórica concreta da transformação latino-americana, comprometendo-se toda a Igreja com tal processo (cf. Mensagem Final).

Em termos de evangelização e de catequese, esse princípio pastoral primeiro e básico recebe a seguinte aplicação global: "alentar uma nova evangelização e catequese intensivas que atinjam as elites e as massas para obter uma fé lúcida e comprometida" (cf. Mensagem Final).

Devemos, por isso, nos perguntar agora: o que significam e implicam, concretamente, para nós, estas expressões: nova evangelização e catequese intensivas, e obter uma fé lúcida e comprometida? Ora, semelhantes expressões supõem que se veja bem claro (ou tanto quanto já nos é possível atualmente):

— em que consistiria uma **nova evangelização**, enquanto atualizada, inserida e comprometida no processo de transformação latino-americano (princípio básico);

— o que é, no sentido próprio e específico, **catequese** e sua relação com a **nova evangelização**, que se almeja;

— o que se entende, na atual situação latino-americana, por **fé lúcida e comprometida**.

Todas estas questões serão, pois, examinadas em breves tópicos, como pontos de reflexão para nós e, em seguida, concre-

tizadas mediante um esforço comum em **linhas de trabalho global**, cujos instrumentos teremos urgentemente de criar...

O que é, propriamente, evangelização

A teologia da evangelização é parte integrante da teologia da palavra de Deus, pois a evangelização, no seu sentido próprio e específico, é um dos instrumentos da palavra de Deus aos homens, sendo os outros a catequese, a homilia, a teologia, e outras expressões da palavra que, por sua intenção e caráter particular, se distinguem entre si por referência à palavra.

Evangelização é o primeiro instrumento fundamental da palavra de Deus aos homens, pois evangelizar significa transmitir a palavra de Deus para suscitar a fé e levar à conversão, entendendo-se fé e conversão no sentido global e inicial. Neste sentido, **suscitar** a fé significa fazer aderir ao dado cristão originário ou à sua boa-nova básica, a qual pretende dar autenticidade à existência humana, salvando sua vocação e destinação essencial. Este dado originário, ou esta boa-nova fundamental consiste no seguinte: Deus salva-nos a todos por (com e em) Jesus, seu enviado histórico, hoje atuante. Portanto, **ser suscitado** na fé é receber o impulso para aderir, pessoalmente, a este dado básico, transmitido pela palavra evangelizante. E, **ser levado à conversão** significa assumir, de modo absoluto, toda transformação existencial que a **força** daquele dado ou boa-nova, pessoalizada, tende a provocar.

O Pai salva-nos a todos por (com e em) Jesus

Eis aí a mensagem (o querigma) que caracteriza, especialmente, a evangelização no

sentido próprio e a distingue de todas as outras possíveis formas de expressão da palavra de Deus aos homens. Aderir, portanto, ao Pai que salva por Jesus e revolucionar sua existência com a consciência vivida deste fato (que ainda agora se nos oferece **apelativamente**) é o que pretende a evangelização ao transmitir, inicialmente, a palavra de Deus.

O querigma é o objeto próprio da evangelização e contém, na sua riqueza, várias dimensões, como também várias direções. Assim, no **sentido estrito**, é a primeira mensagem aos que desconhecem totalmente o evento salvífico do Pai, que não sabem que Jesus é o Salvador. No **sentido adaptado** é a mensagem original, dirigida com sua autenticidade primitiva, aos que receberam uma instrução formal, e uma educação formal, e uma educação moralizante. Concretamente, isto quer dizer que o anúncio da boa-nova essencial visa os batizados de uma cultura cristã diluída sociologicamente. Aqui existem situações mais ou menos análogas à dos que ouvem o anúncio salvífico pela primeira vez (cf. Doc. **Pastoral das Massas**, Situação). Num **sentido amplo** significa atingir todas as dimensões da

vida segundo a luz da boa-nova originária (purificar atitudes e concepções que constituem deformações do espírito cristão autêntico). Mas, aqui, nos situamos quase na zona limítrofe que leva à catequese. Evangelização e catequese distinguem-se, mas nunca se devem separar.

O que significa evangelizar hoje os latino-americanos

Depois da consideração teológica do significado da evangelização, vejamos como ela se concretizaria no contexto psico-social em que se deve realizar. Diremos, pois, em primeiro lugar, o que não seria evangelizar hoje os latino-americanos, segundo o que se desprende das diretrizes da Conferência de Medellín. Só depois, devemos procurar, em comum, o que seria, de fato, nós evangelizarmos a todos na circunstância histórica de transformações concretas.

Não seria evangelizar, pregar a mensagem com conotações ou com coloração maniqueísta absoluta. Quer dizer: condenar, em nome do Deus de Jesus Cristo, as transformações estruturais porque passa e tem de passar o mundo latino-americano, como se fôssem frutos do mal ou do demônio, sedutor dos homens. Evangelizar não seria pregar a mensagem de forma dualista (que é uma espécie de maniqueísmo relativo). Quer dizer: impor a falsa alternativa angelista (tão comum, dolorosamente) que supõe devermos escolher a "salvação de Deus em Cristo, Homem-Messias", e a salvação das forças ou dos instrumentos intramundanos, opostos à mensagem cristã essencial, isto é, ao anúncio da salvação no "Homem, Cristo Jesus".

O que seria, então, para nós **positivamente** evangelizar? Cabe observar o seguinte: vamos entrar, nos pré-requisitos concretos da evangelização, mais do

que em fórmulas e receitas de evangelização. Entrar em detalhes mais concretos seria anteciparmos ingenuamente e ferir o princípio pastoral do primado das experiências vividas. Estas deverão ser objeto de nossas buscas e reflexões em comum, como sobretudo de nosso arrojo pastoral. Digamos somente a este respeito o seguinte: a maior promessa que temos entre nós no campo das experiências é o catecumenato batismal, aliás recomendado instantemente no Doc. **Catequese** como uma das prioridades na renovação catequética. É preciso, sim, que o desdobremos em todas as suas conseqüências (cf. Doc. **O espírito de catecumenato** — revisão de trabalho do ano de 1968 no Vicariato Sul-Copacabana).

Como foi dito, vejamos quais serão as condições concretas para nossa evangelização (condições que também se poderão chamar, se quisermos, de pré-evangelização). São elas fundamentalmente:

— comunhão de vida e de pensamentos;

— desprendimento das categorias culturais, classistas ou infantis;

— busca de uma linguagem de encontro (no sentido mais amplo do termo **linguagem**), isto é, temas-entradas (pierres-d'-atente) e as vivências concretas participadas. O que, entre outras coisas, significa: 1) partir dos valores humanos cristãos vividos positivamente pelo ambiente e pelos homens nele inseridos (que já são, no caso, implicitamente cristãos); aqui

evangelizar será **fazer ver**, na hora oportuna, a integração de tais valores dentro da mensagem querigmática essencial; 2) partir das aspirações não satisfeitas, mostrando como Deus em Cristo as plenifica. Aqui evangelizar será **projetar** na comunidade atual e na comunidade escatológica tais aspirações (o que está muitíssimo longe de, nuramente, transferir sua satisfação "para o outro mundo"). Tudo isto indica que a busca de uma linguagem-de-encontro deverá significar uma atitude de combate ao vício sacramentalista tão generalizado em nossa infra-pastoral: "Até agora houve sobretudo uma pastoral de conservação, baseada numa sacramentalização com pouca ênfase na prévia evangelização. Pastoral apta, sem dúvida, numa época em que as estruturas sociais coincidiam com as estruturas religiosas, em que os meios de comunicação dos valores (família, escola, etc.) estavam impregnados de valores cristãos e onde a fé se transmitia quase pela própria força da tradição" (cf. **Doc. Pastoral das massas**, I parte).

O que é propriamente, catequese

Como a teologia da evangelização, a teologia da catequese é parte integrante da teologia da palavra de Deus, sendo a catequese um dos instrumentos mais importantes para a transmissão da palavra de Deus aos homens. Dentro do contexto dessa transmissão, o caráter específico da catequese consiste em educar a fé (suscitada, como vimos, pela evangelização) e explicitar a conversão (provocada inicialmente pela mensagem). "Ao ouvirem estas coisas, ficaram compungidos no íntimo do coração e indagaram de Pedro e dos demais apóstolos: Que devemos fazer, irmãos?" (At 2.37).

Evangelizar comporta a luta contra todo tipo de ignorância e marginalização e de egoísmo. A conversão aproxima de nós o reino de justiça, de amor e de paz.

Foi assim que reagiram pedindo uma catequese, os primeiros convertidos, logo depois do primeiro anúncio evangélico de Pedro (At 2.14-36).

Ora, a explicitação da conversão e a da educação da fé, que será tarefa própria da catequese, compreende dois aspectos complementares, a saber:

— negativamente, ruptura com o pecado e os erros de existência anterior.

— positivamente, abertura dinâmica à plenitude de participação evangélica.

Particularmente, dentro do nosso contexto, e segundo as diretrizes de Medellín, isto aponta duas linhas:

1) Romper as ligações pessoais e coletivas com as estruturas de opressão. Isto comporta a luta contra todo tipo de ignorância, de marginalização, e de egoísmo. "Por isso, para nossa verdadeira libertação, necessitamos todos de uma profunda conversão para que chegue a nós o **reino de justiça, de amor e de paz**... Não teremos um continente novo, sem novas e renovadas estruturas, e sobretudo não haverá um continente novo sem

homens novos que, à luz do evangelho, saibam ser verdadeiramente livres e responsáveis" (cf. Doc. **Justiça**, II). São Paulo dizia em sua linguagem que era preciso acabar com as "obras de carne": fornicação, impureza, desonestidades, idolatria, ciúmes, iras, rixas, discórdias, partidos, invejas, embriaguês, orgias e outras coisas semelhantes" que estão para ser expulsas do reino de Deus (Gl 5.19-21).

2) O engajamento decidido na promoção do homem todo e de todo o homem. Pois "a busca cristã da justiça é uma exigência do ensinamento bíblico... Cremos que o amor a Cristo e a nossos irmãos será não somente a grande força libertadora da injustiça e opressão, mas também e principalmente a inspiradora da justiça social, entendida como concepção de vida e impulso para o desenvolvimento integral de nossos povos" (Doc. **Justiça**, II). "É tarefa da catequese ajudar à evolução integral do homem, dando-lhe seu autêntico sentido cristão, promovendo sua motivação nos catequizados e orientando-o para que seja fiel ao Evangelho".

3) Convém sublinhar a esta altura: nenhuma catequese, no sentido estrito de educação e explicitação, pode separar-se da evangelização inicial e permanente. Ora, nós sabemos que um dos grandes males de nossa educação cristã latino-americana (referimo-nos sobretudo no caso do Brasil) tem sido a catequese de "verdades a crer" e de "mandamentos a praticar" sem a autêntica evangelização inicial (descoberta pessoal e consciente de Cristo, que nos leva

ao Pai). É por isso mesmo que os ex-católicos protestantes sempre dizem e com razão: "descobri o Evangelho de Jesus". Temos que convir, na verdade, que a pregação dos nossos irmãos protestantes tem sido muito mais pessoalizante, muito mais carregada de bem-aventurança, muito **mais evangelizante** do que os sermões doutrinais e moralizantes dos nossos pregadores, pelo menos de um passado recente. (Há toda uma história a ser feita a respeito do conteúdo veiculado para o povo através das **Santas Missões** tradicionais).

Fé lúcida e comprometida (no atual contexto latino-americano)

Diante do que ficou dito acima a respeito da nova evangelização, isto é, uma evangelização segundo as exigências da mensagem de Cristo e segundo as exigências da vida dos latino-americanos, como também a respeito da catequese que corresponderia a esta nova evangelização, podemos já compreender o que significa hoje para nós uma "fé lúcida e comprometida".

Importa agora pensar concretamente, em vista de um planejamento, nas linhas de ação prioritária que nos é possível assumir dentro de tais perspectivas. Em seguida, uma vez colocadas essas linhas prioritárias, criar os instrumentos de trabalho para a execução das tarefas correspondentes.

Duas linhas de ação apresentam-se imediatamente:

— prioridade de **evangelização e da catequese de adultos**, nos termos acima definidos;

— unificação de **evangelização-conscientização**, de um lado, e **catequese-educação**, de outro lado.

(Extraído de **Convergência**, n.º 15-69).

«CURAI ENFERMOS; EXPULSAI DEMÔNIOS»

Paul Tillich

“Tendo Jesus convocado os doze, deu-lhes poder e autoridade sobre todos os demônios, e para efetuarem curas. Também os enviou a pregar o reino de Deus e a curar os enfermos”.

(Lc 9.1,2)

“Depois disto o Senhor designou outros setenta; e os enviou de dois em dois, para que o precedessem em cada cidade e lugar aonde ele estava para ir”.

(Lc 10.1)

“Então regressaram os setenta, possuídos de alegria, dizendo: Senhor, os próprios demônios se nos submetem pelo teu nome! Mas ele lhes disse: Eu via a Satanás caindo do céu como um relâmpago. Eis aí vos dei autoridade para pisardes serpentes e escorpiões, e sobre todo o poder do inimigo, e nada absolutamente vos causará dano. Não obstante, alegrai-vos não porque os espíritos se vos submetem, e, sim, porque os vossos nomes estão arrolados nos céus”.

(Lc 10.17-20)

A primeira dificuldade que experimentamos quando Jesus nos envia adiante dele e nos dá o poder de curar, é que muitos vão dizer que não necessitam de cura. E se nos chegamos a eles com a pretensão de expulsar os demônios que lhes governam as vidas, riem-se de nós e logo dizem que nós é que temos demônio, tal como disseram a Jesus.

Por isso a primeira tarefa de um ministro é tornar os homens côncios daquilo que ele prega. Muitos dos que saíram dos seminários para as congregações e comunidades perderam a esperança de realizar tal tarefa.

Uns abandonaram totalmente o ministério, outros o ministério especial entre os que se consideravam sãos. Desistiram de penetrar em suas ansiedades ocultas. Cada vez mais foram esquecendo que seu ministério era curar os que estavam enfermos inclusive aqueles que não reconheciam que estavam enfermos.

Não há um caminho fácil para fazê-los conhecerem seu estado. Deus, sem dúvida, tem seus modos de fazê-lo. Sacode a complacência dos que se consideram sãos, submergindo-os em trevas e angústia, externa

e internamente. Mostra-lhes o que são, ao solapar os alicerces de sua autoconfiança. E mostra-lhes a própria cegueira. Nós não podemos fazer isto nem mesmo conosco. Mas podemos estar preparados para o momento em que isso suceda. E quando acontece, poderemos ser instrumentos do poder para curá-los.

Há em todos uma ânsia de salvação mesmo naqueles que se consideram salvos. Salvação significa integrar, curar. Aquele que almeja a sua própria salvação está cômico de seu mal.

E está consciente do poder demoníaco que o mantém em cativeiro. Se lhe perguntamos: "De que você espera ser salvo?" Responderá: "De forças que são mais fortes do que eu, de poderes que me mantêm cativo de corpo e alma e que finalmente me vão destruir". E se responde desta forma, podemos contrapor: "Então você sabe quais são os demônios e deseja libertar-se deles. Você se dá conta de que está em cativeiro e enfermo". Falando assim a alguém que não reconhece que está doente, mas que deseja ser salvo, pode-se ajudá-lo a ter conhecimento de seu estado. Ter-se-á cumprido a primeira tarefa de ministro e talvez a mais difícil de todas. Deus nos terá usado como instrumentos para revelar aos homens o que são.

Nós não somos os únicos usados como instrumentos. Cada pessoa pode ser instrumento de libertação para todos. E muitas vezes sucede que o poder de curar atua fora da Igreja e do ministério. O fato de que Jesus tenha comissionado os seus discípulos para curar e para expulsar demônios não significa que tal tarefa seja exclusiva de ministros. Cada cristão recebe tal encargo. Cada um de nós deveria levar a sério tal missão no seu relacionamento com os demais. Deveria haver uma res-

ponsabilidade sacerdotal para com todos em cada um.

O ministro não possui poderes mágicos de curar. Nem mesmo a administração da liturgia e dos sacramentos lhe confere tal poder. Um poder assim está incluso na vocação da Igreja que possui o poder dado a ela, a Igreja, para libertar e expulsar demônios.

Por que estas afirmações, que eram tão centrais nos primeiros tempos em que foi anunciado o Evangelho, perderam hoje o seu significado? Creio que se deve ao fato de que expressões como "curar" e "expulsar demônios" têm sido entendidas como curas milagrosas baseadas em poderes mágicos e em auto-sugestões. Não há dúvida de que tais coisas acontecem. Sucedem em qualquer parte do mundo, até mesmo em nossos dias e lugares. Acontecem e são usadas dentro da Igreja. A Igreja estava certa quando percebeu que tal tarefa não correspondia a ela e a seus ministros.

Abusa-se do nome de Cristo quando é empregado em fórmulas mágicas. No entanto as palavras de nosso texto mantêm a sua validade. Pertencem à mensagem de Cristo e nos falam de algo que é de Cristo, o poder de vencer as forças demoníacas que controlam as nossas vidas, corpo e mente. E creio que, de todos os meios para comunicar o Evangelho, este é o mais adequado para os homens de nossa época. Compreende-se isto, porque, em todos os países do mundo, inclusive no nosso (EUA), há um conhecimento dos poderes do mal como jamais houve em séculos anteriores. Se olhamos a nossa época como um todo, notamos que somente grupos especiais estão sob o juízo das palavras irônicas de Jesus: "Os que estão sãos não precisam de médico, mas sim os enfermos". Contrariamente a muitos que não aceitam esta idéia, sa-

bemos que estamos enfermos, que não estamos perfeitos. A mensagem para os nossos contemporâneos, inclusive para nós, a mensagem almejada por muitos, dentro e fora de nossas congregações, é a boa nova do poder salvador que está no mundo, cuja perfeita expressão é Cristo.

A tarefa de curar exige de nós o conhecimento da natureza da vida e da situação humana. A gente pergunta a miúdo desesperadamente por que a ordem divina das coisas inclui a enfermidade se a enfermidade também deve ser curada por ordem divina. Esta pergunta que para muitos é a pedra de tropeço para sua fé, salienta o mistério do mal no mundo de Deus. Teremos que enfrentar este questionamento mais vezes do que quaisquer outros. E não devemos fugir à pergunta escondendo-nos por trás do termo mistério. Certamente há um mistério, mistério divino em contraste com o mistério do mal. Porém, pertence ao conhecimento que se exige de nós que ponhamos o mistério em seu devido lugar para logo explicarmos o que se pode e se deve explicar.

O mal na ordem divina não é somente mistério, mas também revelação. Revela a grandeza e o perigo da vida. O que pode ficar enfermo é maior do que o que não pode, do que aquilo que está condenado a permanecer imutável, incapaz de rachar-se e, portanto, incapaz de se tornar enfermo. Somente quem é livre pode ser submetido a forças demoníacas que transformam a sua liberdade em escravidão. O dom da liberdade implica o perigo da submissão, e a abundância de vida, o perigo da doença.

A vida do homem é vida abundante, de complexidade infinita, possibilidades ilimitadas mesmo nos seres humanos de

**Uma Igreja que
deixou de se arriscar
frente ao mal
e às influências
malignas tem
pouco poder
para curar e expulsar
demônios.**

vitalidade mais pobre. A vida do homem é a mais propensa à enfermidade. Porque na vida do homem há que manter em unidade muitas tendências divergentes de âmbito corporal, mental ou espiritual. Porém a sanidade é a força que as mantém unidas, e curar é o ato de reuni-las quando rompida a sua unidade. "Curar enfermos" significa: Ajudá-los a recuperarem a unidade perdida sem os despojar da abundância, sem os jogar numa pobreza de vida, possivelmente com o seu próprio assentimento.

Há um desejo doentio de escapar da doença. Conheci pessoas que estão doentes só pelo temor da doença. Em certas ocasiões pode ser necessário diminuir a enfermidade da vida e criar uma vida mais pobre em base mais limitada. Isto, porém, não é propriamente saúde. É a enfermidade mental mais difundida. Pode ser transformada em saúde se o que se perdeu em nível inferior se ganha em nível superior, talvez o supremo — o nosso interesse infinito — a nossa vida com Deus.

Não é cura a redução à pobreza de vida. Mas onde há abundância existe o perigo de conflitos, de enfermidade e escravidão demoníaca. Olhemos, à luz desta visão, o exemplo mais importante, certamente o mais importante para nós que somos enviados para curar e expulsar demônios: isto é a Igreja que nos envia. Bem pode ser que o mal de muitas igrejas, denominações e congregações seja o de querer evitar a enfermidade ao excluir o que possa produzir enfermidade; o que sem dúvida pode também produzir grandeza de vida. Uma Igreja que deixou de se arriscar frente ao mal e às influências malignas, tem pouco poder para curar e expulsar demônios. Todo ministro orgulhoso de uma Igreja que marcha tranquilamente, ou que cresce gradativamente, deveria indagar-se se tal igreja é capaz de fazer seus membros cônscios de sua enfermidade e de dar-lhes a coragem de aceitar que estão curados.

Deveríamos perguntar por que se mantém firmemente fora das igrejas tanta criatividade em todos os domínios da vida espiritual do homem. Em muitas expressões de nossa cultura secular, especialmente nas últimas décadas, há uma clara consciência da enfermidade do homem. É só por pré-julgamento o fato de que pessoas que afirmam fortemente a escravidão demoníaca do homem não procuram nas igrejas e em nós, ministros, por sanidade e libertação de domônios? ou é falta de poder de curar em igrejas que estão enfermas pelo temor de ficarem enfermas?

Quando Jesus pede a seus discípulos para curarem e para expulsarem demônios, não distingue entre enfermidades corporais, mentais ou espirituais. Cada página do Evangelho, porém, demonstra que ele menciona igualmente as três; e muitos

relatos assinalam que considera as três uma só. Tal unidade nós percebemos mais claramente hoje do que as gerações passadas. Este é um grande dom e em nossos estudos o havemos compartilhado. Acima de tudo temos aprendido a verdade das boas novas de que leis e mandamentos não curam mas aumentam a enfermidade dos que estão mal.

Temos aprendido que a base do poder de curar é dom; seja o dom da natureza, do qual depende todo médico e isto já o conhecia a medicina antiga; seja o dom presente na história que sustenta, através de tradições, heranças e símbolos comuns, a vida da humanidade; seja o dom da revelação que vence o poder demoníaco pela mensagem do perdão e de uma nova realidade.

E temos aprendido que uma enfermidade aparentemente corporal pode ter raízes na mente, e que uma enfermidade aparentemente individual pode ser ao mesmo tempo social, e que não se podem curar indivíduos sem libertá-los dos males sociais que contribuíram para a sua desgraça.

Mas, além disto, temos conhecido o fato de que, tanto a enfermidade física quanto a mental, individual ou social são conseqüências do distanciamento entre o espírito do homem e

**E temos aprendido
que não se
podem curar indivíduos
sem libertá-los dos
males sociais
que contribuíram
para a sua desgraça.**

o Espírito divino, e que nenhuma doença pode ser curada e nenhum demônio expulso sem a reaproximação do espírito humano com o divino.

E por esta razão chegamos a ministros da mensagem de libertação. Não se espera que sejamos psico-terapeutas; não se espera que sejamos reformadores políticos. Mas espera-se que afirmemos e representemos o poder de curar, e de libertar dos demônios, expresso na mensagem de Cristo, a mensagem de perdão e de uma nova realidade. Devemos conhecer os outros processos de cura, cooperar com eles; não devemos, porém, trocá-los pelos que anunciamos.

Podemos fazer isto? Esta é a nossa ansiosa pergunta. Podemos curar sem estarmos curados? Podemos. Porque nem os discípulos nem nós podemos dizer: Estamos sãos, deixem-nos curar os outros. O que disser

isto de si próprio será o menos capacitado para libertar a outros; afastar-se-á deles. Mestremos aos outros que a sua situação é também a nossa.

Podemos expulsar demônios sem termos sido nós mesmos libertados dos poderes demoníacos? Podemos. Se não estivermos conscientes das possibilidades diabólicas em nós, não poderemos reconhecer os demônios nos outros e não podemos estar contra eles se não conhecermos os seus nomes. E não haverá épocas em nossa vida — enquanto permanecer criativa e com poder de libertar — nas quais os demônios não dividam nossas mentes, gerando dúvidas sobre nossa fé, vocação e sobre nossa existência total. E se eles não conseguem êxito quanto a isto, poderão triunfar, produzindo autoconfiança e orgulho em nosso poder de curar e de expulsar demônios. Contra este orgulho, Jesus diz: “Não obstante, alegrai-vos, não porque os espíritos se vos submetem, e, sim, porque os vossos nomes estão arrolados nos céus”. E “arrolados nos céus” significa aquilo que está escrito contra nós nos registros de nossa vida.

Por fim uma palavra de confiança. Não há na terra nada maior que ser chamado para curar e expulsar demônios. Nesta nossa particular vocação tenhamos alegria. Não nos deixemos desanimar pelas cargas nem também com o encargo de lidar com os que não querem ser curados.

Tenhamos alegria em nossa vocação. Apesar de nossa enfermidade, apesar dos demônios que operam dentro de nós e de nossas igrejas, temos uma visão daquilo que poderemos salvar, daquele no qual Deus manifestou seu poder sobre as desgraças e os demônios, daquele que representa o poder de libertação que está no mundo e que sustenta o mundo e o eleva a Deus.

“Talvez uma análise das correntes da teologia católico-romana seja o mais útil instrumento para nos lembrar que, cada vez mais, os problemas da eclesiologia, da nossa qualidade humana e do significado transcendem as categorias Protestantes — Católicos, e que ao refletir sobre tais assuntos temos muito que aprender com os nossos pares católicos”.



documento

UMA VISÃO GERAL DA TEOLOGIA CATÓLICA

John J. Carey

John J. Carey é Professor Associado e Chefe do Departamento de Religião da Universidade Estadual da Flórida. O presente artigo surgiu de um estudo e conseqüente pesquisa realizados durante o verão no Instituto de Pesquisa Ecumênica e Cultural da Abadia de São João e da Universidade do mesmo nome em Colleville, Minnesota.

Já faz vários anos que Robert McAfee Brown, em *The Ecumenical Revolution* (A Revolução Ecumênica) e George Lindbeck, em *The Future of Roman Ca-*

tholic Theology (O Futuro da Teologia Católico-romana) delinearam para os leitores protestantes algumas das novas diretrizes surgidas na teologia católico-romana desde o II Concílio do Vaticano. Tanto Brown quanto Lindbeck participaram como observadores do II Concílio do Vaticano e compartilharam do entusiasmo e da euforia reinante à medida que os velhos moldes do estilo e do pensamento católico-romano eram rompidos. Em **A Revolução Ecumênica** Brown tentou mostrar quais poderiam ser as possibilidades do movimento ecumênico diante do "novo" catolicismo. Lindbeck, por sua vez, analisou os documentos do Concílio para buscar sua intencionalidade teológica e ver as várias maneiras pelas quais o Concílio aproximava mais o catolicismo romano das linhas principais do protestantismo (especialmente do luteranismo).

É evidente que em anos recentes a teologia protestante e a católico-romana já se aproximaram muito mais. Floresceu o diálogo entre teólogos católicos e teólogos das várias tradições protestantes, enquanto o intercâmbio entre faculdades, universidades e seminários cumpria a missão de eliminar as antigas restrições sectárias. Os protestantes demonstraram interesse todo especial pelo movimento de reforma da Igreja Católica, movimento esse que questiona os modelos tradicionais de investigação teológica, assim como os moldes de vida e da autoridade eclesiásticas. Protestantes de mentalidade ecumênica ficaram, portanto, justificadamente preocupados quando James Hitchcock, em seu polêmico livro intitulado **The Decline and Fall of Radical Catholicism** (Declínio e Queda do Catolicismo Radical), editado em Nova Iorque por Herder e Herder em 1971, argumentava que

o elemento progressista que triunfara no II Concílio do Vaticano havia introduzido confusão, apreensão e suspeita no seio da Igreja, e conclamava à recuperação da espiritualidade e do absolutismo, que tinham sido as principais características do catolicismo antes do II Concílio do Vaticano.

Não é minha intenção neste artigo fazer uma análise crítica do livro de Hitchcock, embora este esteja pontilhado de lacunas e de deficiências teológicas. Apenas menciono seu livro para indicar que, dentro das lides do "novo" catolicismo, há algumas objeções relevantes, e porque uma leitura mais profunda do seu trabalho ilustra, dentro do catolicismo, uma série de correntes e de controvérsias teológicas das quais a maioria dos protestantes não se apercebem. Usando a eclesiolgia como tema central, creio que se podem discernir quatro categorias distintas dentro da teologia católica de hoje: (a) pensadores que são radicais do ponto de vista teológico e eclesiástico; (b) pensadores que são radicais do ponto de vista teológico e moderados do ponto de vista eclesiástico; (c) pensadores que são liberais do ponto de vista teológico e moderados eclesiasticamente; (d) pensadores que são conservadores tanto teológica quanto eclesiasticamente. Não tentarei neste artigo tratar dos pensadores que refletem a posição oficial do Vaticano em questões católicas.

A designação de pensadores nas categorias acima é, forçosamente, um tanto arbitrária, e não pode incluir comentários a respeito de todas as pessoas ou ideais assumidos, que são intrínsecos a cada categoria. Além do mais, há alguns aspectos da vida e do pensamento católico contemporâneo que simplesmente não se enquadram em quaisquer dessas categorias (renova-

ção monástica, pentecostalismo, por exemplo). Essa tipologia, contudo, nos capacita a distinguir várias das mais importantes alternativas e assim vamos agora voltar nossa atenção para a primeira categoria.

I

Pensadores que são radicais do ponto de vista teológico e eclesialístico. As pessoas incluídas nessa categoria são geralmente consideradas como a "esquerda" católica e são, via de regra, os teólogos anatematizados por Hitchcock. Essa lista incluiria Rosemary Ruether, Michael Novak, Daniel Callahan, Charles Davies, Daniel Berrigan, Mary Daly, Eugene Bianchi, William DuBay e Robert Hoyt na América do Norte; Terry Eagleton, Brian Wicker e o grupo denominado **Slant** na Inglaterra; Ivan Illich no México e Ernesto Balducci na Itália. É também nessa categoria que se devem colocar numerosos padres da América Latina (tais como Rene Garcia e o grupo de Golcanda na Colômbia) que optaram pela **praxis** em lugar da teoria da teologia revolucionária. Entre pessoas desse grupo encontra-se generalizado interesse pela tradição católico-romana, mas interesse mais amplo e mais fundamental pelos problemas da política, da transformação social, da secularização, significado humano, a estrutura pluralista da cultura moderna, e as ondas de conscientização que influenciam a cultura moderna (e.g. o poder negro, o novo feminismo, e etnicidade). Suas mais fortes críticas ao Catolicismo Romano tendem a focalizar o isolamento de sua tradição intelectual, a tomada de posição de seus bispos com a direita política, e a insensibilidade de suas estruturas autoritárias para com as populações em penúria (e.g., controle

de natalidade, aborto e divórcio, e a posição da Igreja).

Embora muitas das pessoas incluídas nesta categoria tenham investido muito no esforço de democratizar e liberalizar a Igreja, pode-se perceber nelas uma certa desilusão em anos recentes, e, de modo geral não se interessam realmente pelos assuntos paroquiais católico-romanos. Tanto Dan Berrigan quanto Charles Davies já admitiram publicamente que os problemas estruturais da Igreja Católica Romana não são mais objetos de sua preocupação. Novak, depois de gastar uma boa parte do tempo em críticas à tendência e ao estilo da eclesiologia católica tradicional, chegou ao ponto em que considera a tradição católico-romana como uma expressão cultural total das experiências e estilos dos que nasceram dentro dessa tradição; catolicismo para ele significa a conscientização da presença de Deus, alegria em provar da realidade, recusa a fugir da vida, e "um senso de que somos gente..."; (1) Dan Callahan não escreve mais sobre assuntos teológicos como fazia quando associado à Commonwealth; Illich não goza mais das boas graças do Vaticano nem de seus superiores eclesialísticos no México devido à sua posição radical a respeito da tarefa da Igreja na América Latina, e a maior parte do grupo **Slant** na Inglaterra tem gravitado ao redor de outras áreas de interesse.

A teologia radical implícita nesse grupo de pensadores deriva de: (a) seu repúdio ao *Fragestellung* da teologia tradicional católica; (b) sua desconfiança quanto à integridade da liderança oficial da Igreja; e (c) sua própria convicção de que o clima de transformação cultural exige novos pontos de partida e novas perspectivas para a reflexão religiosa. Em suma, um interesse

primordialmente humanístico dá forma ao seu trabalho. Rosemary Ruether resumiu talvez muito do espírito desse grupo quando observou que essa "cristandade radical não está interessada nas idéias de Cristo nem do Reino a não ser como expressão do homem. Não está interessada na igreja, na comunidade ou na eucaristia a não ser como expressão do homem". (2)

Teólogos católicos que são mais tradicionais em orientação, freqüentemente acusam os pensadores dessa primeira categoria de iconoclastas e assistemáticos em sua linha teológica. É verdade que muito do trabalho escrito desse grupo é feito através de ensaios e artigos, mas deve-se notar que dois dos mais prolíficos escritores dessa categoria já demonstraram sua capacidade de produzir análise teológica cuidadosa e prolongada. Rosemary Ruether foi primeira formada em Patrística e Teologia Histórica, e sua competência nessas áreas ganhou-lhe reconhecimento como pessoa de peso mesmo nos círculos mais tradicionais. Metodologicamente mostrou profundo interesse na escatologia radical do Novo Testamento (**The Church Against Itself**) e no tema do messianismo como uma sugestão da transformação social (**The Radical Kingdom**). Tais pontos de partida são, naturalmente, bem diferentes daqueles utilizados pela teologia tradicional católico-romana, e não é surpreendente verificar seu radicalismo na eclesiologia assim como em teologia.

Michael Novak difere de Ruether em seus interesses, mas é igualmente radical em termos de tradição católica. Propôs uma metodologia para o estudo da religião que é tanto pessoal quanto imaginativa, permitindo a interpretação criadora da experiência (**Ascent of the Moun-**

tain, Flight of the Dove). Quer trabalhar nos problemas teológicos a partir de uma visão política e ética, e não da metafísica ou da epistemologia (ambas as quais profundamente influenciaram a metodologia tradicional católica). A metodologia de Novak tem sido objeto de controvérsia, mesmo nos círculos católicos "progressistas", mas a maioria dos protestantes acha seu trabalho estimulante e sem dúvida afim com os protestantes que estão interessados em teologia política.

Vale a pena notar que vários desses teólogos radicais são leigos e leigas (Ruether, Novak, Callahan, Mary Daly, Robert Hoyt) e vários outros abandonaram a batina (Davis, Illich, Eugene Bianchi). Isso significa simplesmente que eles estão, na maioria, livres das insistências eclesiásticas, e também que seu campo de influência acadêmica não consiste em seminários ou centros do catolicismo "oficial". Freqüentes contribuições assinadas por esses autores encontram-se em **Commonweal**, **Cross Currents**, e **The National Catholic Reporter**, periódicos que tendem a ser extremamente críticos do tradicionalismo católico-romano.

A órbita do radicalismo católico é, naturalmente, muito mais ampla do que dei a entender ao citar os autores acima. Claro está que muitos radicais católicos não são teólogos que escrevem; a comunidade maior se encontra entre jovens padres que exercem o ministério em universidades, entre padres e ex-padres que realizam trabalho educacional e/ou trabalho de assistência social, e entre muitos antigos membros de ordens religiosas masculinas ou femininas que deixaram suas comunidades para encontrar novas funções em ocupações seculares. Radicais protestantes

e liberais acham-nos espíritos afins, talvez carregando cicatrizes mais profundas do que os protestantes, mas com o mesmo "nexus" de valores e de orientação política. A igreja da clandestinidade fornece um tipo de comunidade informal para alguns católicos que adotam tal maneira de pensar; alguns conservam laços (ainda que estreitados) com a igreja institucional; e outros, como seus pares protestantes, simplesmente não acham mais que o culto ou a fraternidade da Igreja seja uma fonte de sustentação.

O que estou sugerindo é que a eclesiologia deste grupo não é uniforme nem estabelecida de maneira formal. Este grupo nitidamente rejeita as linhas tradicionais da autoridade eclesiástica e, de modo geral, quer uma Igreja mais democrática, influenciada por leigos; há mais respeito pelo carisma do que pela função. Hitchcock está certo quando diz que esses teólogos rejeitaram os modelos convencionais de devoção e espiritualidade católicos, mas, se o fazem, é na busca de uma conscientização mais profunda da nossa qualidade humana, e na procura de uma confrontação séria com os problemas da cultura contemporânea.

Fator importante a notar-se nesta primeira categoria de pensadores católicos é a influência que Thomas Merton teve sobre muitos deles. Grande número desses pensadores frequentou retiros com Merton, no Mosteiro Gethsemane, em Kentucky, e inspirou-se no estilo de "espiritualidade de comprometimento" de Merton, tanto política quanto teologicamente. Portanto, Merton surge como influência maior sobre os radicais católicos americanos do que geralmente se admite.

Tratei primeiro desta categoria de "radicais em teologia e em eclesiologia" porque nela es-

tão incluídos nomes e ideais com que os protestantes liberais estarão, provavelmente, mais familiarizados. Seus representantes não estão realmente vivendo ou escrevendo uma teologia católica, mas estão trazendo sua herança e suas perspectivas católicas para as questões teológicas mais amplas de nossos dias. Há, contudo, outros exemplos importantes que estão influenciando a forma da teologia católico-romana contemporânea, e para esses nós voltaremos agora.

II

Pensadores radicais teologicamente e moderados eclesiasticamente. As pessoas nesta categoria tendem, frequentemente, a se misturar e daí a ser identificados com os pensadores da primeira categoria. Mas, há diferenças bem importantes. Estes mantêm a convicção de que a teologia católico-romana deve encontrar novas formas e metodologias, mas, de modo geral, estão mais empenhados nas estruturas da Igreja e são otimistas a esse respeito. Alguns dos representantes deste grupo são: Teilhard de Chardin; Gregory Baum, Leslie Dewart e Harry McSorley, no Canadá; Johannes Metz na Europa; John McKensie, Gabriel Moran, Leonard Swidler e Richard McBrien na América; e, no cenário latino-americano, Hélder Câmara, do Brasil. Periódicos que de modo geral representam esta posição incluiriam o semanário jesuíta **America** e a publicação mensal **The Critic** editada em Chicago, periódicos ingleses tais como o **Tablet**, o **New Black Friars** e o **Month**, além de periódicos de orientação ecumênica, como o **The Ecumenist** e **Unitas**.

Teilhard, naturalmente, é o exemplo clássico de como se pode desenvolver uma teologia radical e continuar no seio da

Igreja. Sua tentativa de formular a teologia a partir de uma visão e de colocar sobre um outro foco tanto as fontes quanto a linguagem da teologia criou nos círculos católicos um impulso no sentido do pensamento criativo, mesmo nos pensadores que não concordaram com seus pressupostos ou conclusões. Somos tentados a dizer de Teilhard o que muitas vezes se disse de Buber, a saber, que seu impacto maior foi além da sua própria tradição; contudo, a observação de periódicos católico-romanos revela um interesse permanente no trabalho de Teilhard, e estudos interpretativos continuam a ser publicados, mostrando a relevância de Teilhard para a teologia católica. (3)

Os demais pensadores que incluí nesta categoria tentaram alterar ou aprofundar as categorias tradicionais da teologia católico-romana. Gregory Baum é um dos mais conhecidos teólogos católicos de mentalidade ecumênica da América do Norte. Numa tentativa de livrar-se das limitações paroquiais do catolicismo romano tradicional, ele argumenta que, a mudança básica operada na doutrina católico-romana a partir do II Concílio do Vaticano é salientar que o Evangelho diz respeito não apenas aos cristãos e à Igreja, mas ao que acontece a todos as pessoas em todos os lugares. Há, portanto, uma dimensão "universal" da fé, e os cristãos são chamados a desenvolver uma nova "conscientização" do "mundo". (4) No desenvolvimento de sua apologetica, Baum inspirou-se em Maurice Blondel, o renomado filósofo francês cujo trabalho exerceu grande influência nos primeiros tempos da controvérsia modernista. Essa conscientização do mundo significa que os católicos romanos (na realidade, todos os cristãos) podem encarar destemidamente

o futuro, que haverá inevitavelmente uma evolução da doutrina e até mesmo de novas formas para a vida e a fé da igreja, mas tais desenvolvimentos devem ser recebidos como frutos do Espírito de Deus. (5) Diálogo, abertura, ecumenicidade são valores da maior importância para Baum, e, embora suas realizações teológicas possam causar tremores no Vaticano, seu estilo conciliatório e seu interesse pela vida da Igreja fazem-no moderado em eclesiologia.

Leslie Dewart, colega de Baum na Universidade de Toronto, pode ser considerado um radical em teologia devido ao seu cortante antagonismo ao Tomismo e suas definições filosóficas da realidade e da verdade. Dewart é realmente mais filósofo que teólogo, e deve ser encarado como alguém primordialmente interessado nos fundamentos filosóficos da teologia. A crise católica real de nossos dias, argumenta ele, não se relaciona com assuntos de autoridade papal, celibato, revisões de liturgia, ou outras expressões semelhantes de quaisquer problemas desse tipo. Ao contrário, a vida religiosa está relacionada a "questões epistemológicas, metafísicas e filosóficas que jazem na base das disputas teológicas e religiosas". (6) Dewart sustenta que muito do que passa como sendo "renovação" teológica nos círculos católico-romanos é uma tentativa não só de conservar a substância da fé tradicional, mas também de preservar a "forma cultural tradicional dessa fé"; em seus vários trabalhos Dewart tenta mostrar tanto a inadequação do tomismo quanto do "tomismo transcendental" para uma visão moderna do mundo com sua orientação científica e seu pluralismo cultural. (7) Não só o dogma precisa ser des-helenizado, como também a Igreja tem de se tornar mais minucio-

sa em sua compreensão da linguagem, da realidade e da verdade. Uma parcela demasiado grande do pensamento católico considera a linguagem como meio de comunicação da verdade, ou como correspondente a uma realidade objetiva separada do homem, ao passo que Dewart insiste em que a linguagem não nos descreve a realidade, mas apenas cristaliza nossa "auto-relação consciente e funcional com ela". (8)

Considero Dewart moderado do ponto de vista eclesiástico, embora basicamente ele não esteja interessado em eclesiologia. Ele conclama a uma renovação da linguagem e da doutrina para que a conscientização sempre evolutiva do homem em relação a Deus possa se expressar mais completa e adequadamente. Ele não parece ter discussões de base relacionadas à estrutura da igreja, embora gostasse de ver a substância de sua mensagem reformulada.

O espaço não me permite desenvolver e documentar o tipo de radicalismo teológico intrínseco ao trabalho de Johannes Metz, John McKensie e Hélder Câmara. Será suficiente dizer aqui que Metz é provavelmente o mais destacado expoente católico europeu da teologia política; e McKensie, que conquistou a maior parte de suas credenciais teológicas como autoridade no estudo da Bíblia, passou recentemente para frentes teológicas mais amplas e é famoso nos círculos católico-romanos por suas observações imparciais (ainda que por vezes acerbas) a respeito de dogmas e pressupostos católicos. (9) Quero, contudo, fazer um breve comentário a respeito da posição em geral de Richard McBrien que está surgindo como um dos mais destacados eclesiólogos da América. McBrien escreveu sua tese de doutorado na Universi-

dade Gregoriana em Roma sobre o conceito da Igreja de John Robinson, e, de modo geral, ele conserva uma posição do tipo da de Robinson em relação ao tradicionalismo da Igreja Católica Romana. Compara as três épocas: antes do II Concílio do Vaticano, o II Concílio do Vaticano e após o II Concílio do Vaticano com as eras Ptolomaica, Copérnica e Einsteiniana da cosmologia, e argumenta que embora o II Concílio do Vaticano tenha sido um acontecimento necessário para quebrar com a velha mentalidade "ptolomaica" da Igreja, mesmo o pensamento do II Concílio do Vaticano tem agora que ceder lugar a uma nova conscientização do homem numa época ecumênica e pluralista. Parte do dilema real da Igreja Católica Romana, de fato, consiste em que o Concílio não foi sequer suficientemente radical. ... Não encarou realmente a questão da própria existência da igreja. Não chegou a pôr em questão algumas de suas pressuposições tradicionais: É a igreja o veículo costumeiro da salvação? É ela o centro e alvo de toda a história? São todos os homens de fato chamados à participação nessa comunidade? Qual, de fato, é a sua missão? (10)

Mais do que a maioria dos teólogos católico-romanos (pelo menos na América), McBrien demonstra estar plenamente consciente da obra dos mais destacados teólogos europeus com os quais se considera em dívida (especialmente Moltman, Pannenberg e Robinson). Foi profundamente influenciado pela escatologia da escola da teologia-da-esperança. Embora esteja intensamente comprometido com a vida e o trabalho da igreja, considera que a sociedade moderna não necessita da igreja "ptolomaica", e que só uma igreja pós-Copérnica e pós-Einsteiniana que possa ser uma

igreja "em serviço", que fale pelos marginalizados sociais, políticos, econômicos e culturais e os sirva pode ser necessária. (11)

Em muitos aspectos os pensamentos desta categoria são tão "radicais" quanto os que coloquei na primeira categoria; a diferença essencial está na sua eclesiologia mais moderada. É precisamente este grupo de pensadores, contudo, que não merecem referência no livro de Hitchcock: **Decline and Fall of Radical Catholicism**. O catolicismo "radical" é um fenômeno mais diversificado e mais sofisticado teologicamente do que se poderia concluir da descrição que dele faz Hitchcock, e certamente mais substancial em seus métodos e na profundidade alcançada. Embora Dewart e McKensie sejam nitidamente católicos romanos em seus pontos de partida e no âmbito de seu interesse, é certo que Baum, Metz e McBrien demonstram interesses básicos numa vasta gama de problemas comuns tanto a protestantes quanto a católicos e podem ser lidos com vantagem pelos estudiosos protestantes. Consideremos agora uma terceira posição na teologia católico-romana contemporânea, posição essa que poderia ser chamada de "média" ou "central".

III

Pensadores que são liberais na teologia e moderados eclesiasticamente. Há, naturalmente, semelhanças entre este grupo e a segunda categoria, mas em geral este grupo está mais interessado nos clássicos problemas dogmáticos católico-romanos e no lugar da tradição no pensamento católico romano. O espírito deste grupo reflete-se na linguagem e atitude do **Catecismo Holandês**. Colocaria aqui o Dominicano holandês Edward Schillebeeckx e todo um grande

grupo de colegas seus, menos conhecidos, na Holanda; Hans Küng na Alemanha; Yves Congar na França; e Avery Dulles na América. Gustave Thils e Roger Aubert de Louvain compartilham da orientação geral deste grupo, junto com número considerável de teólogos americanos e alemães menos famosos. Periódicos representativos desta orientação seriam, entre outros, **Concilium** (publicado na Holanda com edições em vários idiomas), **Continuum** e **Theological Studies** nos Estados Unidos, **Orienterung** na Suíça. **Heythrop Journal** na Inglaterra, **Teleologische Quartalschrift** em Tübingen e o **The Irish Theological Quarterly**.

Pode parecer estranho a alguns leitores que tenha colocado nesta categoria os dois teólogos católicos romanos mais famosos, influentes e controversos do mundo (Schillebeeckx e Küng). Assim o fiz em primeiro lugar porque são teólogos dogmáticos, e embora clamem por alguns reajustes nas posições tradicionais do pensamento católico-romano, continuam a encontrar os *loci* das questões teológicas dentro da tradição da Igreja Católica Romana. Schillebeeckx serviu de perito junto aos bispos holandeses durante o II Concílio do Vaticano, assim como Küng junto aos bispos alemães; eles são conservadores o bastante a respeito da mentalidade da Igreja para saber o que é possível e o que é impossível em termos de efetuar mudanças. Afirmaria mesmo que é exatamente devido ao seu "conservadorismo" em método e perspectiva que eles têm sido tão influentes e tão controversos na recente teologia católico-romana. Seus livros são lidos e aparentemente levados a sério em Roma, ao passo que a maior parte dos trabalhos citados nas duas primeiras categorias é posta de lado por Roma, que a con-

sidera simplesmente antieclesiástica ou "exclusivamente progressista".

Em seu trabalho mais recente, Schillebeeckx destacou a questão do que significa a hermenêutica para a tradição católica e demonstrou familiaridade com a discussão protestante desse problema no continente europeu. O problema real para o católico romano é como entender o passado — isto é, como assimilar o mais profundo significado da **tradição** ao presente, Schillebeeckx argumenta que o passado sempre tem que ser interpretado à luz do presente, e que "a correção de tais interpretações não pode ser verificada simplesmente confrontando-as com formulações anteriores da fé, já que estas também sempre exigem interpretação e ainda têm de se **tornar verdade.**" (12) O que Schillebeeckx está fazendo, naturalmente, é colocar o fundamento para um estudo do desenvolvimento do dogma, onde se possam reunir fatores históricos e culturais ao tentar entender as afirmações teológicas de concílios e de papas. Isso mal parece importante para os protestantes, mas deve ser compreendido à luz do grande valor que a teologia católica coloca na tradição — valor esse que teve conseqüências relevantes para Pio XII e para Paulo VI e que tem levado pensadores recentes como Gustavo Weigel e George Tavard a tomar posição contra a maior parte da teologia protestante, baseados nos decretos "normativos" de concílios anteriores da igreja. Assim que o pensamento católico possa ter alguma liberdade na sua maneira de compreender o passado, poderá ser mais aberto para o futuro.

Schillebeeckx também levantou a questão da importância de hoje haver um diálogo progressivo e atuante na igreja, que é definitivamente uma força

impulsionadora de modificações (em oposição à comunicação unilateral que parte do princípio de que a verdade já é conhecida e que simplesmente necessita ser transmitida para diante) e da limitação do papel do magistério num mundo secularizado e pluralista. (13)

Küng não necessita ser apresentado aos leitores americanos, e já me referi aos problemas levantados por seu recente livro sobre a infalibilidade. (14) Küng é provavelmente o teólogo católico mais lido nos círculos protestantes americanos, e sua insistência em liberalizar a Igreja Católica Romana acrescenta uma certa acuidade à resposta inicial de Karl Rahner a **Infalível? An Inquiry**, em que Küng tinha adotado os pontos de vista de um "protestante liberal". O que me interessa salientar aqui, contudo, é que o método teológico e os interesses em eclesiologia demonstrados por Küng justificam sua colocação nesta terceira categoria. Mais do que a maior parte dos teólogos católico-romanos, Küng é um teólogo bíblico. Sua posição contrária a muito do dogma e do fideísmo católico-romano baseia-se no fato de não poder justificar-se pela Escritura. Küng é um exegeta cuidadoso e um minucioso pesquisador, e seus trabalhos caracterizam-se geralmente pelo estilo meticuloso da escolástica da teologia alemã. Com a notável exceção de seu importante trabalho em cristologia, (15) quase todos os seus interesses na década passada se centralizaram em eclesiologia.

É instrutivo verificar como representantes de nossas duas outras categorias consideram os esforços de Küng. Novak, ao criticar o importante trabalho de Küng, **The Church**, considerou-o "um teólogo da velha guarda" devido ao seu contínuo interesse pelas estruturas da igreja e seus

problemas. (16) Baum acusou Küng de ser por demais bíblico e limitado em sua visão da igreja. (17) e McBrien acha que a eclesiologia de Küng "é por demais circunscrita pelo biblicismo de Barth e pelo separatismo luterano". (18) A questão passa a ser decidir qual o melhor ponto de partida para a teologia católico-romana hoje e quais deveriam ser as fontes de reflexão teológica. Nossa primeira categoria opta por maior ênfase na cultura, na secularização e na preocupação por coisas humanas antes das coisas cristãs; a segunda categoria opta por novas metodologias teológicas, reavaliando a importância de símbolos, da liturgia e do ministério, e sendo aberta a formas inteiramente novas de vida e pensamento. Küng, ao contrário, é tradicional em método (histórico-crítico), e bíblico na linguagem e na visão. É por essas razões que temos de considerar Küng como ocupante do terreno intermediário na teologia católico-romana, a despeito de sua imagem de ovelha negra entre os católicos conservadores.

Sem considerar em profundidade o trabalho de Avery Dulles, podemos notar que se orienta pelo ponto de vista progressista e que tem mentalidade ecumênica. Ele percebeu o quanto eram inadequadas as exigências do exclusivismo católico-romano, e aceitou a afirmação de II Concílio do Vaticano de que a graça de Deus opera em todas as manifestações da igreja cristã. Participa da nova conscientização da teologia católica inspirada no Concílio do Vaticano II, e já fez notáveis contribuições para o diálogo ecumênico na América. (19)

As tradições litúrgicas do protestantismo (Anglicana e Luterana), que têm participado de diálogos entre protestantes e católicos, estão geralmente em

conversações com representantes dessa faixa do centro do catolicismo. Credos, confissões, sacramentos, e inter-comunhão são assuntos mutuamente importantes para esses dois grupos, e muito trabalho preliminar de quebrar lanças foi feito por eles para sobrepujar algumas das históricas divisões da cristandade. (20) Representantes das nossas duas primeiras categorias raramente seriam incluídos em tais discussões, contudo, e encontram seus interesses ecumênicos melhor expressos através dos relacionamentos pessoais e da participação em sociedades profissionais.

Chegamos agora à nossa última categoria, que é mais difícil para os protestantes entenderem e dela participarem, já que conserva muitos dos pressupostos do pensamento católico anterior ao II Concílio do Vaticano.

IV

Pensadores que são conservadores tanto teológica quanto eclesiasticamente. As pessoas deste grupo constituem a parte oficialmente aceita da direita católica. Merecem consideração porque foram forças importantes na renovação teológica anterior ao II Concílio do Vaticano, e seu trabalho mostra considerável criatividade mesmo dentro dos parâmetros católicos convencionais. Os mais destacados representantes são Karl Rahner, Jean Danielou, Henri de Lubac, Michael Schmaus e Bernard Lonergan. É entre esses homens que encontramos o resíduo criador do tomismo, e interesse particular nas coisas católicas. A sombra deste grupo se estende até os canonistas, liturgistas e mariologistas do catolicismo moderno, e, na medida em que os bispos se mantêm na dianteira das questões teológicas, parecem receber uma infor-

mação dos pensadores desta categoria. É dentro desse grupo que se encontra a maioria dos que contribuem para as obras de consulta sobre catolicismo contemporâneo consideradas padrão, tais como **The New Catholic Encyclopedia**, **Sacramentum Mundi**, **The Catholic Theological Dictionary** e a enciclopédia de teologia bíblica intitulada **Sacramentum Verbi**. Periódicos que representam este ponto de vista incluem: **Gregorianum** (publicado pela Universidade Gregoriana em Roma), **The Thomist** e **The American Ecclesiastical Review**, a **Revue Thomiste** na França e **Civitta Catholica** na Itália.

Influentes como foram estes homens na teologia católico-romana, apresentam contudo marcada distância entre duas gerações: os antigos e o grupo mais jovem de teólogos católicos. Rahner, Danielou, de Lubac e Schmaus representam para a nova geração de católicos o que Barth, Reinhold Niebuhr, Tillich, e Bultman representam para o protestantismo contemporâneo. Rahner, naturalmente, foi considerado durante muito tempo como um dos maiores e mais criadores teólogos do catolicismo moderno; escritor prolífero e editor de dicionários, livros de consulta e outros volumes escolásticos, ganhou lugar de destaque na comunidade teológica católico-romana. Danielou e de Lubac faziam parte da tradição francesa que tentou demarcar novas direções dentro do tomismo e que foi oficialmente condenada por Pio XII em sua encíclica **Humani Generis** em 1950. (21) Schmaus serviu como Professor de Teologia Dogmática por mais de vinte anos em Munique e foi autor da **Katholische Dogmatik**, tão freqüentemente citada e que foi recentemente revista por ele à luz do II Concílio do Vaticano. (22)

Problemas de tradição, auto-

ridade e espiritualidade têm a maior importância para os pensadores desta categoria, e não é de surpreender que o fermento gerado após o II Concílio no seio da Igreja tenha-os afastado na direção de uma eclesiologia conservadora. Rahner liderou um grupo de teólogos europeus em apoio de Roma contra os bispos holandeses na primavera de 1970, e tem liderado o ataque teológico contra Küng no debate sobre infalibilidade. Embora Rahner fosse enaltecido há alguns anos atrás por seu método de tentar formar uma "antropologia teológica" baseada na capacidade do homem de transcendência, (23), tornou-se evidente que Rahner ficou mais conservador à medida que foi envelhecendo. (Talvez fosse mais justo dizer que Rahner, tendo promovido a renovação — **aggiornamento** — teológica por tantos anos, viu-a caminhar para além dele e agora se encontra no limite do conservadorismo.) Há também uma certa ironia no fato de que Danielou, tendo sido recentemente nomeado cardeal, esteja agora liderando, como porta-voz, a defesa da autoridade papal no Sínodo dos Bispos, contra a posição mais democrática do Cardeal Suenens da Bélgica. De Lubac, que teve interesse todo especial pela teologia de Teilhard, continua, contudo, a trabalhar com temas e problemas tomistas.

O único grande pensador desta categoria que não pode ser considerado como porta-voz de uma geração anterior, e que está vivo e bem de saúde, em Toronto, é Bernard Lonergan. Lonergan surgiu de um longo período de envolvimento com o tomismo, para se tornar um dos mais influentes teólogos filosóficos de tradição católico-romana. Lonergan durante muitos anos dividiu suas atividades entre Toronto e a Universidade Gregoriana em Roma. Nos círculos

católicos ganhou reputação internacional tanto por seus estudos tomistas quanto por suas posteriores tentativas de explorar a epistemologia como prolegômeno de uma teologia construtiva. Foi honrado de maneira singular ao lhe ser dedicado um número especial do prestigiado periódico *Continuum*, que analisava seu pensamento, (24) ao ter as implicações de seu pensamento como objeto das considerações do congresso internacional de teologia, reunido na Faculdade de St. Leo, na Flórida, na primavera de 1970, (25) e ainda ao ser designado para a Cadeira Stillman de Estudos Católicos Romanos, em Harvard, para o ano letivo de 1971-72. Alunos de Lonergan ocupam importantes posições em seminários e universidades católicas-romanas, assim como em universidades estaduais e particulares. Sua influência, portanto, é vasta. A publicação, na primavera de 1972, de sua muito esperada magna obra, *Method in Theology* (N.Y. Herder), forçosamente trará seu trabalho para um círculo bem maior de protestantes estudiosos do assunto.

Convém notar, inicialmente, que Lonergan é de difícil leitura, e mesmo os estudiosos bem versados em seu pensamento costumam entremear suas próprias observações sobre Lonergan com frases como: "Se o entendo bem..." ou: "Não afirmo tê-lo entendido". Há uma complicação adicional (nuances de Heidegger!): a mutação dos interesses de Lonergan, que logo leva seus interpretadores a falar num "Lonergan anterior" e no "Lonergan posterior", sendo que a transição básica foi a diminuição do interesse de Lonergan pelo tomismo e seu crescente interesse pelos problemas de epistemologia e do método teológico. (26) Em seus recentes esforços, Lonergan está procurando estabelecer uma

"teologia fundacional" dentro da qual podem-se especificar oito "especialidades funcionais", divididas em duas amplas categorias. A primeira categoria, chamada teologia "medianeira", diz respeito às tarefas de inquirir e avaliar: pesquisa, interpretação, análise histórica, e a avaliação dialética de qualquer posição dada. Estas quatro tarefas representam a indagação e a reflexão dos teólogos a respeito do fenômeno da conversão do homem; tais tarefas fazem um certo paralelo com os elementos da experiência, compreensão, julgamento e deliberação na conscientização humana, isto é, no processo de ficar consciente. A segunda fase da teologia pode ser chamada "mediada", e consta das tarefas de indagação dos fundamentos filosóficos; a estruturação de doutrinas pela comunidade religiosa (que, na realidade, destila a verdade das várias experiências pessoais e evita que esta venha a se subjetivar); o desenvolvimento da sistemática e a tarefa das comunicações (isto é, pregação e doutrinação pela igreja). (27)

É óbvio que Lonergan quer esclarecer exatamente o que os teólogos estão fazendo ao fazer teologia, pois ele acha que a menos que o interesse e o propósito da tarefa teológica estejam claramente definidos, as conclusões serão ambíguas e confusas. Lonergan deseja estabelecer um método para a teologia que seja semelhante ao método das ciências naturais. Se ele poderá definitivamente estabelecer tanto a necessidade quanto a adequação de tamanha tarefa ainda está para se verificar, mas a esta altura vale a pena repetir a advertência (caveat) de Karl Rahner: o método de Lonergan é tão genérico que se adapta a qualquer ciência, e na realidade, consiste simplesmente na delinação do processo como ca-

da "ideologia" de cada sociedade chega à sua própria e completa auto-compreensão. (28)

Embora Lonergan não se tenha mostrado primordialmente interessado em eclesiologia, é claro que é bastante conservador no que diz respeito à origem divina da igreja, ao papel do Magisterium, ao direito papal de emitir decretos infalíveis, e ao apoio da teologia em definições e declarações eclesiásticas de preferência com apoio na Bíblia. (29). Charles Davies chamou atenção para o modo como a teologia de Lonergan "reflete a mentalidade dogmática da Igreja Católica Romana, que precisa da doutrina da infalibilidade e nela encontra expressão", e sustentou o ponto de vista de que Lonergan pressupõe a doutrina em vez de argumentar em sua defesa. (30) Mesmo o Lonergan "posterior" mantém suas raízes no escolasticismo, tanto mais que sua procura de uma metodologia adequada é a tentativa de afirmar a verdade absoluta e imutável dentro do contexto da cultura contemporânea em mutação.

V

Esta análise da teologia católico-romana contemporânea estendeu-se por um campo muito vasto, e versou mais sobre destaques do que sobre a maioria. Cada categoria tem mais representantes e mais nuances do que poderia ser apresentado neste espaço. Estou perfeitamente a par de que se houvesse desejo de considerar algumas correntes teológicas italianas e do Vaticano, seria possível delinear uma quinta categoria de "teologia reacionária", mas tal coisa seria de muito pouco interesse para os leitores protestantes.

Esta visão geral ilumina a importância do problema do mé-

todo para a teologia católico-romana (Novak, Baum, Küng, Rahner, Lonergan), o papel crucial da hermenêutica e do desenvolvimento doutrinário (Dewart, Schillebeeckx, Danielou), e as questões centrais de linguagem, verdade e cultura. Se a teologia católico-romana não está mais sendo feita consistentemente à "velha" maneira, não há, contudo, por enquanto, qualquer modelo universalmente aceito para suas novas diretrizes. Cada uma das alternativas apresentadas esquematicamente neste artigo está fazendo sua contribuição própria para o pensamento católico-romano contemporâneo. A maioria dos protestantes, porém, sentir-se-á mais interessada e mais envolvida nas duas primeiras categorias, enquanto não deixará também de ter simpatia pela preocupação da terceira. Talvez uma análise das correntes da teologia católico-romana seja o mais útil instrumento para nos lembrar que, cada vez mais, os problemas de eclesiologia, da nossa qualidade humana e do significado transcendem as categorias Protestantes — Católicos, e que ao refletir sobre tais assuntos temos muito que aprender com os nossos pares católicos.

(Da Revista *Theology Today*,
abril, 73)

Trad. **Maria L. Nogueira.**

(1) Vide o artigo de Novak "Where Did All the Spirit Go?" *Commonweal*, 5 de set., 69, pg. 540-542.

(2) "A New Church?", *Commonweal*, vol. XC, n.º 3 (4-abr.-69), p. 66.

(3) Entre outros, Henri De Lubac interessou-se na interpretação e divulgação do pensamento de Teilhard; Veja-se: Teilhard: *The Man and His Meaning* (N. Y. Hawthorne, 1965) e *The Religion of Teilhard de Chardin* (N. Y. Desclee, 1967).

(4) O assunto está desenvolvido em *Credibility of the Church Today* e em *Faith and Doctrine*, pp. 1-21.

(5) Baum diz que devido à sua crença na permanente tradição e no Espírito, sempre em mutação, "a Igreja Católica está aberta para o futuro. ... A Igreja não necessita ater-se às definições doutrinárias do passado; ela é capaz de reinterpretar seus ensinamentos antigos à luz da própria comunicação que Deus faz de sua palavra em mutação, evolutiva e constante, e que se realiza nela agora" (*Faith and Doctrine*, pp. 97-98).

(6) *Religion, Language and Truth*, p. 19.

(7) "Tomismo transcendental" refere-se ao movimento surgido na teologia católico-romana de 1930 a 1960 aproximadamente com os estudiosos que tentavam trabalhar de forma criativa dentro da estrutura tomista. Inclui os trabalhos de gente como Joseph Marechal, Andre Marc, Johannes Lotz, Karl Rahner, Emerich Coreth e Bernard Lonergan. O termo foi aplicado a esse movimento para diferenciá-lo do Neotomismo de Jacques Maritain e Etienne Gilson. A exposição mais completa das restrições de Dewart a esta maneira de ver a teologia encontra-se num ensaio em forma de apêndice, "Sobre o Tomismo Transcendental" em *The Foundations of Belief*, pp. 499-522.

(8) A disputa a respeito de linguagem e epistemologia continua a dividir Dewart de Bernard Lonergan; Dewart resume suas restrições a Lonergan em seu ensaio em forma de apêndice, "Filosofia e os Limites da Renovação" em *Religion, Language and Truth*, pp. 145-169.

(9) Em sua crítica do livro de Hans Küng: *Infallible? An Inquiry*, por exemplo, McKensie observa que no que concerne aos dogmas da Imaculada Conceição e da Assunção "não faço a menor idéia do que qualquer deles significa, e portanto não me criam problemas" (*The National Catholic Reporter*, March 26, 1971, p. 12-A).

(10) *Do We Need the Church?*, pp. 29-30.

(11) *Ibid.*, pp. 217-218, 228-229.

(12) *God the Future of Man*, p. 43.

(13) Vide seus ensaios "The Church as the Sacrament of Dialogue" e "Church, Magisterium and Politics" na obra citada pp. 117-166.

(14) "Infallibility Revisited", *Theology Today*, vol. XXVIII, N.º 4 (January 1972), pp. 426-438.

(15) *Menschwerdung Gottes* (Freiburg: Herder, 1970).

(16) *New York Times Book Review* (May 5, 1968), p. 16.

(17) Vide o artigo de Baum: "Truth in the Church — Küng, Rahner, and Beyond", *The Ecumenist*, March-April 1971, pp. 33-48.

(18) *Church: The Continuing Quest*, p. 58.

(19) Um bom exemplo e recente da posição de Dulles encontra-se em seu artigo, "The Church, the Churches, and the Catholic Church", *Theological Studies*, vol. 33, n.º 2 (junho, 1972), pp. 199-234.

(20) As análises da teologia católico-romana feitas por George Lindbeck, estão definitivamente orientadas para essa posição de centro do pensamento católico. Vide Lindbeck: *The Future of Roman Catholic Theology* (Philadelphia: Fortress Press, 1970), passim.

(21) Uma discussão dessa tentativa de formular uma "nova" teologia encontra-se em *A Survey of Catholic Theology, 1800-1970*, de T. M. Schoof, (Glen Rock, N. J. Paulist Newman Press, 1970) pp. 194-221.

(22) Vide *Dogma* de Schmaus, Vol. 1: God in Revelation; Vol. 2: God and Creation; e Vol. 3: God and His Christ (N. Y. Sheed and Ward, 1968).

(23) A maior parte dos primeiros trabalhos de Rahner era de controvérsia, porque metodologicamente ele queria começar a partir da experiência humana e da capacidade do homem para o conhecimento do Divino (é desta maneira que o homem pode transcender as limitações de sua própria finitude, daí o termo: método "transcendental"). Podem-se encontrar boas discussões sobre o método de Rahner (e sua eclesiologia

intrinsecamente conservadora) em *The Achievement of Karl Rahner*, de Louis Roberts (N. Y. Herder, 1967) e em "Rahner and Lonergan on Method in Theology", por Paul Surlis em *The Irish Theological Quarterly*, Vol. XXXVIII, n.º 3 (julho, 1971), pp. 187-201.

(24) "Spirit as Inquiry: Studies in Honor of Bernard Lonergan", *Continuum*, Vol. II, n.º 3, Outono de 1964.

(25) O primeiro desses três volumes de documentos do Congresso sobre Lonergan foi publicado por Philip McShane, ed., *Foundations of Theology* (Dublin: Gill and Macmillan, Ltd., 1971). Esses documentos, junto com o livro de David Tracy: *The Achievement of Bernard Lonergan*, (N. Y. Herder e Herder, 1970), servem como a melhor introdução ao pensamento de Lonergan.

(26) Dois importantes trabalhos que mostram o interesse de Lonergan em epistemologia são: *Insight: A Study of Human Understanding* (London: Longman Green and Co., 1967). Algumas das linhas de pensamento seguidas em seu trabalho mais extenso *Method in Theology* foram esquematizadas em seu artigo "Functional Specialties in Theology", *Gregorianum*, Vol. 50 (1969), pp. 485-504.

(27) Os vários componentes do método de Lonergan são tratados em maior detalhe por David Tracy, op. cit., pp. 232-269, e em seu artigo "Lonergan's Foundational Theology: An Interpretation and a Critique" em McShane, op. cit., pp. 197-222.

(28) "Some Critical Thoughts on 'Functional Specialties in Theology'", em McShane, op. cit., p. 194.

(29) Vide Lonergan em *De Deo Trino II* (Rome: Gregorian University Press, 1964), pp. 21, 32 e 53, e seu artigo "The Assumption and Theology" em *Collection*, p. 76.

(30) "Lonergan and the Teaching Church", em McShane, op. cit., pp. 67-68.

LEIA

IDEOLOGIA

E
FÉ

Tempo e Presença Editora





indicações

SOMBRA DOS REIS BARBU-
DOS — José J. Veiga — Civili-
zação Brasileira — Cr\$ 15,00

Escrito com extrema simplicidade, este romance do mesmo autor de "A Hora dos Ruminantes", conta a estória de uma Companhia que se instala numa cidade e a partir daí começa a impor uma série de regras a serem cumpridas. Após algum tempo, a população vive em pânico.

Ninguém pode mais viver, amar e sonhar. Segundo Mário S. Brito, "Sombra dos Reis Barbudos" é uma opressiva história de terror e tensão logo fecundada por mais amplos e profundos objetivos. O que nela há de delirante, de pesadelo angustiante, em última análise, não nasceu da imaginação do escritor. Brota do mundo em que o homem vive sufocado, com seus passos seguidos e perseguidos por estranhas e invisíveis forças. É o retrato de um tempo histórico universal. (...) Nessa narrativa cheia de símbolos está o desespero do ser humano — enquanto indivíduo e componente de um todo coletivo, — quando privado do ar puro e da luz iluminadora da Liberdade". (J. R. R.)

RESPECTIVAS SOCIOLOGICAS,
Peter Berger — Editora Vozes
— Rio — Cr\$ 15,00

Este é o primeiro livro de Peter Berger traduzido para o português. O autor utiliza uma linguagem bastante acessível a qualquer leitor interessado, sem contudo simplificar o assunto, que é tratado em nível muito bom. Uma de suas preocupações é justamente frisar que o livro foi feito para ser lido e não estudado. Peter Berger tem ainda, não traduzidos, dois trabalhos muito importantes. 1) **Elementos para uma Sociologia de la religión.** 2) **La construcción social de la realidad,** Amorrortu Editores, Buenos Aires. (J.R.R.)

CONTOS NOVOS — Mário de Andrade, 3.^a ed., Liv. Martins Editora S.A. (em convênio com o Instituto Nacional do Livro), S. Paulo, 1972

Com a republicação das obras completas de M. de A. ganha o leitor a oportunidade de contato com um dos mais representativos autores do Modernismo brasileiro. Sim, pois, há muito tempo, não se podia encontrar qualquer das obras literárias de M. de A. nas livrarias. Foi o filme **Macunaima** que fez ressurgir esta obra e, no ano passado, em comemoração aos 50 anos da Semana de Arte Moderna, foram republicados todos os trabalhos do autor.

Os Contos Novos são a expressão do gênio de M. de A. neste gênero literário, em que é colocado ao lado de Machado de Assis e de Guimarães Rosa, entre outros. O interesse que estes contos provocam, é do mais variado nível: o estilo saborosamente brasileiro, "o tema do homem disfarçado, do homem desdobrado em ser e aparência" (cf. Anatol Rosenfeld, in **Texto/Contexto. Ensaio** São Paulo, Editora Perspectiva, 1969, p. 189), a abordagem de problemas como o do operário urbano (Primeiro de Maio), o autoritarismo do patrão (O Poço).

Assim, este é um livro que deve ser lido e estudado por aqueles que apreciam a literatura e, mais, nela reconhecem um papel importante na reflexão sobre a cultura de um povo.

Outro detalhe: a edição conjunta propiciou um preço baratíssimo (Cr\$ 7,00), um motivo a mais para não desperdiçar a oportunidade de comprar o livro. (Délcio H. Campante)

PARA QUE O MUNDO CREIA
— Albert C. Outler — Imprensa Metodista, São Paulo

Muitos, ou quase todos, dos que combatem o ecumenismo, ou estão simplesmente "por fora" do que ele representa, como impulso e "sopro" permanente do Espírito Santo no mundo moderno com vistas à **PLENITUDE** da Comunidade Cristã, ou, imbuídos de má-fé (incríveis interesses estranhos), o difamam num trabalho pertinaz e satânico.

PARA QUE O MUNDO CREIA é um excelente manual para aprender ecumenismo e para dissolver e anular os ataques.

O autor tem devotado a sua vida ao estudo do Ecumenismo e participou, entre outros, como delegado-observador, de sessões do Concílio Vaticano II.

Em seis capítulos densos e claros, aborda o incômodo da desunião, os obstáculos no caminho da unidade, a natureza da unidade que todos buscamos, e a busca dessa mesma unidade. O seu livro, além disso, inclui oito apêndices com documentos das conferências de Fé e Ordem de reuniões do Conselho Mundial de Igrejas, do Concílio Missionário de Jerusalém (1928), do Vaticano II e uma encíclica papal (Pio XII, "Mortaliū Animos").

O Dr. Outler refuta o ecumenismo que não passa de "fraternidade cristã" entre igrejas, para declarar que a unidade da Igreja é fundamental para o testemunho da Igreja no mundo. "Unidos para a missão, unidos para o testemunho no mundo, unidos para o serviço ao mundo."

Boa apresentação gráfica, volume pequeno. Necessário para sermos conscientes e, acima de tudo, honestos quando falarmos. (C.C.)

PROGRAMA PARA BOLSAS DE ESTUDOS

Instituto Ecumênico de Bossey — Conselho Mundial de Igrejas

O Instituto Ecumênico informou-nos, através do Dr. Rubem Alves, que, muito embora tenham bom número de bolsas para o Brasil, ninguém está fazendo uso delas. Solicitam que ISER (Instituto Superior de Estudos da Religião), presidido pelo Dr. Rubem Alves, seja agência intermediária entre o Instituto Ecumênico e o Brasil. ISER pretende influenciar nos programas para que despertem interesse de candidatos brasileiros e pede que estes escrevam mostrando seus interesses ou fazendo seus pedidos de bolsa. Esta carta deve conter:

1. Breve nota biográfica, indicando experiência passada e interesses atuais.
2. Tipo de programa que seria de maior interesse para o candidato.
3. Quais as perspectivas futuras de vida (e não da vida futura...)

INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS DA RELIGIÃO

Presidente: Dr. Rubem Alves

Secretário Executivo: Rev. Carl Joseph Hahn

Caixa Postal, 1596 — 01000 — S. PAULO, SP

Livros publicados

IDEOLOGIA E FÉ

André Dumas

86 páginas Cr\$ 8,00

LIBERDADE E FÉ

Rubem Alves, Jürgen Moltmann, Júlio de
Santana, Hubert Lepargneur, Gilberto Gor-
gulho

136 páginas Cr\$ 15,00

Livros no prelo:

O DEUS QUE LIBERTA

E OS DEUSES QUE ESCRAVIZAM

(Discussão sobre a Igreja)

Zwinglio Mota Dias

(Em edição conjunta com a EDITORA VOZES)

SALVAÇÃO HOJE

Bispo Mortimer Arias

(reflexões sobre a Conferência

Mundial de Bangcoque)

TEMPO E PRESENÇA EDITORA LTDA.

Caixa Postal 16082 — ZC-01

20000 — Rio de Janeiro — GB

Publica mensalmente:

CEI — BÍBLIA HOJE — DOCUMENTOS

Publica trimestralmente: SUPLEMENTO

Com uma assinatura anual de Cr\$ 25,00

você receberá regularmente estas publicações.